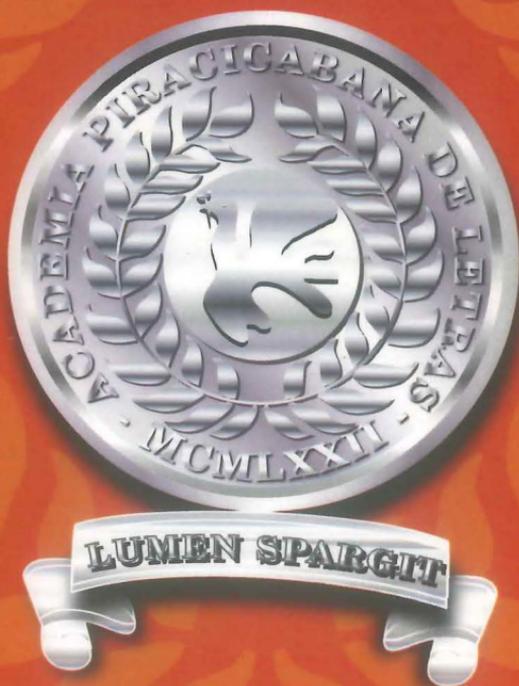


REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO III - Nº4
PIRACICABA - 2011

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano III – nº. 4
Piracicaba – novembro de 2011

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras, fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini, CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781, CEP 13400-183, em Piracicaba.

Destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 - CEP 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A

13400-120 Piracicaba SP

E-mail: aasantos@uol.com.br

CONSELHO EDITORIAL:

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

Gustavo Jacques Dias Alvim

Mons. Jamil Nassif Abib

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Myria Machado Botelho

Rosalay Aparecida Curiacos de Almeida Leme

ARTE DA CAPA:

Marcel Yamauti

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

IMPRESSÃO:

Equilíbrio Prints

Rua Alferes José Caetano, 621 - Centro

Piracicaba-SP

APRESENTAÇÃO

A Academia Piracicabana de Letras continua ativa e operante, marcando presença na cidade e se empenhando, em toda a medida de suas forças, para estar à altura da missão que lhe incumbe como guardiã e divulgadora dos valores culturais da *Atenas Paulista*.

É com alegria que chegamos ao número 4 da nossa Revista, sempre mantendo a periodicidade semestral.

Não é fácil manter essa regularidade, em meio a tantos afazeres e enfrentando inúmeras dificuldades, sobretudo de caráter econômico. Tais dificuldades, aliás, são bem conhecidas de quantos, no Brasil inteiro, se dedicam à Cultura, em entidades como a nossa. Mas, com a ajuda de Deus e graças à colaboração dos acadêmicos e dos bons amigos da APL, haveremos de prosseguir nosso trabalho.

O presente número é publicado com o apoio cultural da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba – ACIPI, da Funerária Bom Jesus e da Viação Piracema de Transporte Ltda., e também com a ajuda de alguns membros da nossa Diretoria. A todos agradecemos de coração, como também a Luciana e Edson Vicentin (Frios São Dimas), Maria Helena L. Kalaf (Degusta), Ivone Maluf (Maison d'Or), Restaurante Monte Sul e Stúdio ED., que colaborarão na solenidade do lançamento.

A novidade deste número 4 é que nele tem início uma seção autônoma, com noticiário sobre as atividades da APL e de seus integrantes. Até agora, enquanto tal seção estava embrionária, era na Apresentação que figuravam as notícias chegadas ao nosso conhecimento, mas a partir de agora, institucionalizando-se melhor o serviço de informações, já podemos constituir uma seção editorial específica.

Insistimos no pedido de que todos os acadêmicos mantenham nosso editor informado sobre suas atividades, para poderem ser noticiadas nos próximos números da Revista.

Agradecendo de coração a cooperação e a boa vontade de todos, fazemos votos de muita inspiração e muita fecundidade literária para o próximo número – o quinto – a sair em maio de 2012.

Piracicaba, 30 de novembro de 2011

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Presidente

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira n° 14 - Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Lembrando o seresteiro “Cobrinha”

Na mata extensa, o pássaro mavioso,
o irapuru, modesto seresteiro,
exala um canto nítido, mateiro,
louvando a Deus num tom maravilhosos!

Acompanhando o seu cantar sereno,
ouço por perto o som de uma cascata,
que ora me lembra linda serenata,
ora um concerto, por demais ameno.

Lá no roçado o pintassilgo canta.
No abacateiro exulta-se o sanhaço.
O canarinho, dentro do compasso,
abre seu canto que emociona e encanta.

Preso em gaiola, o sabiá suspira,
ao ver, liberto, um bem-te-vi trinando;
embora preso, vai cantarolando,
um hino triste que a prisão lhe inspira.

Na doce alcova desta terra amada,
minha cidade, Noiva da Colina,
lembro o cantar (que música divina!)
de um menestrel com voz açúcarada.

Pássaro humano desta terra minha,
quando cantava, nas manhãs de sol,
o seresteiro-irapuru, Cobrinha,
causava inveja ao próprio rouxinol.

Adocicado

(Resposta a “Sem Açúcar”, de Chico Buarque de Hollanda)

Mentira que sou diferente.
Da rua estou vindo pra casa.
Aceita este belo presente:
- a minha paixão que me abraça.

Eu sonho de dia contigo,
e sonho contigo de noite.
Por ser teu amante e amigo,
jamais quero ser teu açoite!

Adoro amassar teus vestidos
rolando contigo na esteira.
Me agrada perder os sentidos,
sentindo do amor a fogueira.

Em meio a lascivos desvelos,
até que te sintas impura,
eu vou desmanchar teus cabelos,
depois te levar à loucura.

Desejo matar teus desejos,
tatear o teu peito que arqueja...
Depois, consumados os beijos,
beber a sagrada cerveja.

Teu riso é poesia... Me abraça.
Tu és minha flor, meu regalo.
Tu és minha fêmea de raça,
eu sou teu fogoso cavalo!

Louvor à vitória régia

Vivo em meus sonhos tua vida de amores,
Inda que sejas rainha, eu escravo.
Tanto melhor fosses rosa, eu um cravo,
Ou se deixasses teu mundo de flores.
Régia! Se fosses mulher, a mais bela,
Inda que eu fosse plebeu, fosse pobre,
Ah! Te daria um amor puro e nobre!

Rei de teu corpo eu seria, ó donzela,
E te daria, ao luar, meus carinhos...
Gráceis chamegos faria aos milhares...
Ilhas floridas seriam teus lares,
Águas tranquilas dos rios, teus ninhos!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

No Parque da ESALQ

(Monólogo escrito por ocasião dos 100 anos da
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”)

Rebuscando meus alfarrábios, encontrei anotações, de um tempo não muito distante, de uma das últimas caminhadas que o “destino” me permitiu fazer pelo parque da ESALQ, em busca de vigor físico e harmonia espiritual.

Cenário deslumbrante!

Aqui, ali, acolá, estouros de cores balouçantes ao vento ameno. É primavera, gargalhando flores em toda parte, tornando a natureza um poema de bucólica beleza, um painel multicolor que somente o Grande Arquiteto do Universo sabe pintar.

Sol em ouro escaldante incendeia a terra, embora a manhã apenas esteja começando.

Grande quantidade de pessoas, divididas em pequenos grupos ou casais, caminham tagarelando pelo parque, indiferentes à misteriosa magia que as cerca, jovens estudantes, alegres e brincalhões, caminham para as aulas “num ritual cotidiano”, afinal estão vivendo a “primavera” de suas existências.

Inconstantes ventos tépidos parecem carregar ânforas de perfumes sobre os vergéis, inundando tudo com a fragrância da estação. Céu azul e nuvens gigantescas emolduram a paisagem multicolor, onde flores jovens por toda a campina tremulam ao suave toque de audaciosos insetos.

Caminho mais um pouco; paro, observo, sinto a inconstância do vento batendo em meu rosto como a segredar alguma coisa, tento entrar em sintonia com esta Egrégora Cósmica... Mais adiante, o velho e saudoso bonde, ainda bem conservado em seu “pedestal” no meio de um jardim.

O pensamento vagueia pelo tempo e direciona a atenção para o passado: ouço seu ruído inconfundível sobre os trilhos da Rua São João, sinto seu balanço, carregado de irrequietos e até irreverentes agrícolas, revejo as normalistas do Normal Rural, em seus uniformes impecáveis, os calouros (bichos) caras-pintadas, saltando dos estribos para fugir dos veteranos, e ouço o sino tocado pelo cobrador a cada passagem recebida.

Essas recordações fazem vibrar a sensibilidade de minh'alma, tocam-na até o âmago. Recomponho a mente e observo que não estou mais sozinho neste local pictórico; jovem nubente posa feliz para as câmaras de prestigioso fotógrafo.

Enquanto filhotes de pássaros chilreiam num ninho que balouça em baixo ramo, expondo a doçura da penugem que garante suas gargantas, do alto das árvores, trinados dos sabiás e arrulhos das rolas completam a sinfonia da vida, aumentando a magia do parque.

Mais acolá, a antiga casa do diretor, hoje o bem cuidado museu da ESALQ, onde relíquias históricas da velha escola são conservadas com carinho e devoção quase religiosa. No lago à frente, a nostalgia profunda de uma solitária garça pousada à beira.

O tempo passa lento, continuo minha caminhada, a maioria dos habituais caminhadores do parque foi embora.

A grandeza majestosa das enormes árvores plantadas durante décadas por turmas de formandos ergue-se para o céu em constante e silenciosa oração; lembrança viva daqueles que aqui passaram...

A orquestra da natureza não pára; emite acordes sonoros, provocando neste uma emoção misteriosa, sou espectador e protagonista deste belo espetáculo de vida. Não muito longe, sob a melodia inconfundível da cascata do Piracicamirim, bandos de pássaros bailam pelas nuvens, formando desenhos no ar.

O bem cuidado parque da ESALQ Piracicaba é um santuário ecológico no coração da cidade.

O relógio e a física

Velho relógio
na parede...
Lembrança dos antepassados

Pêndulo balança
ao tempo,
a todo momento,
espaço ocupado.

Na rotação da terra,
Ocupa no espaço,
o presente.
Mas num momento ausente,
o futuro a seu lado.

Quem pensa qu'ele
vai e volta,
está muito enganado.
A cada movimento,
o tempo pra frente,
é projetado.

Voltar é retroceder
coisa que pêndulo
não faz.
Movimento que
seria volta,
teria ficado pra trás.

Se passado é história,
presente nos pertence,
e o futuro?

Não há, é
inexistente...

Preceito (Monólogo)

A brisa sopra tênue no ar a fragrância da tarde primaveril, os últimos raios do astro-rei brilham no horizonte purpúreo, permitindo que ainda se distinga uma silhueta que aos poucos vai desaparecendo em busca de sua “lenda pessoal”.

De tudo ou nada..., sobrou apenas um adeus pelo ar, olhos marejados, um aperto na garganta e um soluço sufocado, uma sinestesia já invade o peito; é o prenúncio de uma saudade que permanecerá. O chilreio dos pássaros, outrora alegre, deixa agora no ar uma forte nostalgia, um convite à introspecção, afinal somos todos viajores à procura de algo que nos satisfaça, ou através de distâncias físicas, ou devaneando, com a mente alçando voos aos lugares mais recônditos que a imaginação possa alcançar. Muitas vezes nem sabemos ao certo aquilo que realmente queremos.

Vem então à lembrança o último diálogo, onde com a voz embargada pela emoção somente pode expressar alguns conselhos, com os quais quase instintivamente começa a monologar:

Vai, com a mesma placidez com que chegaste, por entre a presa e o barulho da urbe, encontrarás sempre os falsos e agressivos, mas evita-os, pois são tormentórios ao espírito, lembra-te sempre de que é no silêncio e na meditação que se encontra a Paz, jamais te compares aos outros, pois poderás tornar-te uma pessoa jactanciosa ou humilhada, porque sempre haverá pessoas inferiores e superiores a ti;

Por mais modesta que seja a profissão que abraçares, executa-a com amor, dedicação pelos que te cercam, não importando o nível a que pertençam: observa as espigas de trigo vazias, sem grânulos, elas permanecem altaneiras como a desafiar todas as forças da natureza, em compensação, as espigas produtivas, com seus cachos cheios, na medida que aumenta seu peso se curvam mais e mais em direção ao solo, numa posição simbólica de humildade e submissão ao Grande Arquiteto do Universo;

Fala sempre a verdade sem exaltação e com clareza, mas sabe também escutar o que os outros têm a dizer, pois mesmo os mais ignorantes têm suas histórias e lições a transmitir, vê que numa semente, por menor que seja, está contida potencialmente toda uma planta, com raízes, caule, folhas, flores e frutos, basta plantá-la e cultivá-la;

Nos negócios, exercita a cautela e não deixes que os artifícios do mundo profano te deixem cega ou ambiciosa;

Nunca finjas afeição ou sejas cínica sobre o mais nobre dos sentimentos humanos, aquele que sempre une dois ou mais seres, o amor;

Cultiva sempre a força do espírito para proteger-te das desventuras imprevistas, não permitindo que temores imaginários te levem à Consumpção;

Cria uma disciplina enérgica, mas benéfica para contigo mesma, pois muitos fracassos e temores são oriundos da fadiga e solidão, ou simplesmente do desânimo;

Tu tens direito de estar aqui, porque és filha do Universo, assim como todas as demais criaturas e elementos dos diversos reinos.

Eis alguns preceitos para tua felicidade.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira nº 16 - Patrono: José Mathias Bragion

Aprendendo a viver

Fazia algum tempo que aquela senhora deixara para trás o casarão estilo neoclássico, no qual se encontrava uma valiosa biblioteca. Numa tarde, porém, voltou para ler alguns livros de autores consagrados. Saborear a leitura, analisar o mundo através do contexto, às vezes mágico, é como divagar a mil por hora, adentrando novos espaços para compreender a diferença entre si mesmo e o outro e, assim, talvez compreender o limite da individualidade, o direito de ir e vir, a liberdade de expressão e de crença. Saborear a leitura é como sentir a brisa bater no rosto na orla da praia, sentir o impressionante reflexo das luzes acesas a enfocar cristais. É lindíssimo...

A literatura floresce... São as palavras que fluem, brotam livres e soltas, despertam emoções adormecidas. Tudo acontece livremente, sem que os ventos contrários perturbem a pureza das sensações humanas. O importante é saber que o ontem é passado e já não existe, o hoje também se findou e o futuro será o amanhã que quisermos que exista: calmo, tranquilo ou turbulento, cinzento ou azul anil, mesclado com fatos pitorescos ou carregado de situações traumatizantes!

Não é necessário anexar ao viver limites e lapidações com qualquer tipo de instrumento para que o indivíduo tenha uma adequada formação e seja livre para escolher, como os pássaros que voam alegremente, soltos, livres, adentrando e explorando o espaço; ou como todos os animais, que vivem uma relação harmoniosa com a natureza, e fazem tudo instintivamente, sem que ninguém lhes ensine ou os obrigue a nada.

O rio também corre livremente e assume as nuances e os desenhos do seu leito, umedece as terras que o margeiam, abriga os peixes, mata a sede dos animais, segue sua trajetória e continua sua caminhada, abrindo seus afluentes, obedecendo com rigor somente às leis da gravidade.

Tanto o pássaro como o rio e o ser humano têm cada qual sua finalidade e sabem como exercê-la. A finalidade do pássaro é voar e

embevecer o mundo com seu cantar maravilhoso. A finalidade do rio e desbravar todos os dias terras desconhecidas, porque na verdade não é o mesmo rio que corre eternamente. Ele renasce como um rio novo a cada dia. Para assumir sua finalidade o homem defronta-se com os acontecimentos mais divergentes, porém, porque é um ser pensante, está sempre preparado para vencer todos os obstáculos e construir sólidos caminhos. Além disso, sempre está pronto para aceitar derrotas e saborear vitórias!

Esculpindo a vida

Vivemos num vaivém contínuo e desconexo, que nunca chega e não leva a lugar algum. Não raro, nos pegamos realizando tarefas repetitivas e inúteis, na esperança de ter como retorno alguma forma de compensação, que jamais nos é dada. Nosso comportamento cotidiano é tão automático, que muitas vezes duvido que existam aquelas tais normas que nos regulam, ou nos fazem vivenciar fatos. Muitas vezes me pego negando a tal sociologia, pois na minha vida os fatos acontecidos nem sempre estão aliados a caminhos pré-estabelecidos, trilhados somente dentro de parâmetros definidos!

A história diz justamente o contrário do que os sociólogos imaginam, porque ela não ocorre emoldurada por modelos. Ela acontece apenas como uma sucessão de fatos que envolvem pessoas diversas, que vivem vidas particulares. As pessoas que fazem a história não são sempre líderes, que realizam coisas prodigiosas, de tal monta que fazem outras pessoas seguirem seu exemplo. Pelo contrário, a história acontece no seio da humanidade comum, onde ninguém está buscando notoriedade, mas pensando somente naquilo que lhe interessa, porque já que a vida humana é um constante desafio, aquele que se rebela contra o senso-comum, aquele que protesta porque alguma coisa está errada, está se destacando na multidão e na certa está escrevendo a história.

Quem protesta contra situações indesejáveis, sem perceber, subliminarmente é cobrado a assumir um determinado papel, próprio de quem está em posição de liderança e provoca novas adaptações, como também, com suas ações, leva outras pessoas a infringirem as normas, para lutar contra determinados padrões. E mais...

Eles nos ensinam que não podemos nos omitir, pelo contrário, devemos sim, dentro de parâmetros bem definidos, tomar as atitudes necessárias, quando assim julgarmos conveniente e de acordo com o momento.

Por outro lado, papéis assumidos como imposição, motivados por normas definidas, não produzem nem realizam, e não raro impedem o crescimento e a ação individual, porque a partir do momento em que assume um papel, o ser se torna o grupo e o formaliza como se fosse o ser.

Assumir livremente desafios, adotar novas atitudes e comportamentos atípicos, são necessidades e não definições históricas e sociológicas, baseadas nas nossas experiências anteriores. Só a liberdade de ser, de sentir, de viver sem a camisa de força do todo humano, nos fará ir esculpindo a vida de acordo com nossa personalidade e dentro do contexto da nossa vivência.

Minha camélia

Num ziguezague memorial observo
Esta linda flor branca ornamental
Silencio, contemplo-a e dialogo.
Você em sua quietude, não responde...

Mas pela sua existência, compreende
Esteve em minhas mãos completando o charme
Junto ao noivo, senti-me centro do universo
Na igreja mais vibrante do mundo.

Hoje ressecada, no meu cérebro, tenho-a guardada.
Em minha viuvez o ramalhete está partido
Mas outras mexem com minha sensibilidade,
Completam-me e habitam meu ser.

Provocam... provocam...
Sinto até as chuvas dessas sensíveis flores
Não em minhas mãos, mas no meu interior
Que saudade leve de você e intensa de meu amor.

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE
DOS SANTOS**

Cadeira n° 10 - Patrono: Brasília Machado

**História e Ciências Sociais:
um relacionamento complementar**

Para enquadrar bem o relacionamento entre a História, de um lado, e as chamadas Ciências Sociais, de outro, parece-me indispensável fazer um recuo histórico a relembrar, resumidamente, a evolução do conhecimento global da Humanidade. Dentro desse quadro geral é que se insere o assunto focado neste artigo.

Na Idade Média, quando se fundaram as primeiras universidades, considerava-se o campo do conhecimento humano como algo uno e universal: tinha unidade e abrangia tudo. Dentro da classificação genérica Filosofia se encaixavam todos os ramos do saber, com exceção da Teologia, que estava fora e acima da Filosofia (se bem que dentro desta estivesse a Teodiceia, ponto de encontro com a Teologia). Dentro da Filosofia estavam todas as demais áreas, dos três grandes grupos em que hoje costumamos dividir as ciências: as humanas, as exatas e as biológicas. Velho resquício dessa época ainda temos na designação norte-americana "Philosophical Doctor" (PHD).

O próprio nome Universidade, no latim *universitas*, indica bem essa amplitude do conhecimento humano. A Idade Média foi a era das grandes Sumas, gigantescas obras que procuravam reunir todo o essencial do conhecimento humano.

Essa visão global das coisas, diga-se de passagem, não nasceu na Idade Média, mas é muito anterior. Se recuarmos até os três grandes filósofos gregos, Sócrates, Platão e, sobretudo, Aristóteles, veremos a mesma visão universal das coisas. E se formos percorrer os temas sobre os quais escreveu o genial Santo Agostinho, ficaremos muito surpresos com a variedade e a incrível profundidade dos seus conhecimentos, em todas as áreas.

Com o Renascimento, iniciou-se, sem dúvida, um processo de aprofundamento do conhecimento humano, mas tendo, em contra-

partida, uma paralela e concomitante fragmentação das áreas sobre as quais se aplicavam os estudos. Acabou-se a era das sumas, iniciou-se o que se poderia chamar, um tanto simplificado, a “era dos tratados”. Começaram a rarear os generalistas, os espíritos de conhecimentos enciclopédicos, e começaram a preponderar os especialistas.

No Renascimento, ainda eram comuns homens com descortino amplíssimo. Um Leonardo da Vinci, por exemplo, além de artista em vários campos, era matemático, físico, tinha conhecimentos profundos de anatomia e medicina; um Pico della Mirandola sabia “todas as coisas sabíveis” e, acrescentavam alguns maliciosamente, “algumas coisas mais” (*de omni re scibili et quibusdam aliis*). Um Hernán Cortez, conquistador do México, participava ativamente, na sua velhice, de tertúlias filosóficas e teológicas. Na passagem do século XVI para o XVII, o Pe. Mateus Ricci, jesuíta missionário na China, assombrou os sábios orientais com a amplidão dos seus conhecimentos matemáticos, médicos e astronômicos.

Mas homens desses foram rareando cada vez mais. Ainda no século XX, por vezes apareciam homens “de outros tempos”, igualmente profundos e brilhantes de áreas diferentes: um Mário de Andrade, grande escritor e literato, que era, ao mesmo tempo, estudioso de música; um Pontes de Miranda, autor de centenas de obras profundíssimas sobre quase todos os ramos do Direito, era também cultor afeccionado de estudos de Teoria Matemática; um Aúthos Pagano, grande talento da Estatística e, ao mesmo tempo, doutor em Direito e especialista em Astronomia. Um Fernando Furquim de Almeida (de quem guardo saudosas recordações), catedrático de Matemática superior na USP e, ao mesmo tempo, considerado no seu tempo o maior conhecedor de História Medieval da instituição, consultado até pelo titular da matéria... Mas todos esses casos foram exceções. Cada vez mais o conhecimento foi restringindo o seu âmbito e, ao mesmo tempo, se aprofundando.

Para usar uma metáfora, deixamos de ver a paisagem no seu conjunto, mas passamos a ver com mais detalhes pedaços restritos da paisagem. Passamos a ver em close e com zoom crescente cada um dos seus elementos. O campo visual dos estudos foi cada vez ficando menor, ao passo que a profundidade foi aumentando.

Foi-se firmando o triunfo da especialização. As ciências foram cada vez mais se aprofundando, é verdade, mas perdendo muitas vezes a noção da interrelação que todas têm – perdoe-se-me a

redundância – entre si. Cada vez mais se foi perdendo a visão de conjunto das coisas, cada vez mais se foi afastando da ótica que, nestes últimos anos, muita gente tem procurado sob o nome de “visão holística”, ou global.

Que a Humanidade tenha realizado progressos admiráveis nos últimos séculos, é óbvio. Mas que em algo se tenha empobrecido a cultura universal e humana, também é inegável. Uma nota de pitoresco: recordo que quando faleceu, há cerca de 20 anos, D. João Mellman, monge beneditino hemiplégico muito famoso, bibliotecário do Mosteiro de São Bento em São Paulo e respeitado professor da USP, o jornal “Estado de S. Paulo” reuniu, numa reportagem, depoimentos de seus ex-alunos. E um deles afirmou que D. João Mellman gostava de dizer, gracejando, que “muito pouca coisa foi escrita desde 1500 que valha a pena se ler”...

Desde o século XVIII, com a Revolução Industrial, e com o enorme avanço científico e tecnológico dos séculos XIX e XX, numerosas ciências foram aparecendo e se estruturando. Inúmeros cursos universitários novos foram, também, sendo constituídos. E chegou-se ao predomínio total da especialização compartimentada, sendo impossível não recordar a definição jocosa de especialista, corrente, segundo consta, nos Estados Unidos: especialista é aquele que sabe cada vez mais sobre cada vez menos.

Não quero estender demais esta exposição, mas seria fácil traçar um histórico do sistema de ensino fundamental e médio brasileiro, que de modo geral até 1961 manteve o velho e tradicional sistema de Humanidades (herdeiro do Trivium e do Quadrivium medievais), deixando para o curso universitário a especialização, sobre alunos de horizontes abertos e de cultura geral muito ampla.

Recordo de passagem que o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, que conheci muito bem, gostava de lembrar o comentário do Prof. Albanese, que veio ensinar Matemática superior na USP e encontrou alunos com dificuldades de raciocinar e fazer abstrações teóricas. O professor italiano fez um memorial ao Ministério da Educação brasileiro, sugerindo que se ensinasse mais Latim e menos Matemática no Ginásio, para os meninos aprenderem a pensar e conseguirem entender as abstrações matemáticas mais tarde, no curso universitário.

Se formos examinar um campo específico da Ciência que é a Medicina, veremos que o mesmo processo foi seguido. Hoje, são

cada vez mais raros e desprezados os médicos generalistas, os clínicos gerais, e cada vez mais são prestigiados e numerosos os “especialistas”, aqueles que aprofundam indefinidamente seu estudo sobre parcelas cada vez menores do corpo humano.

Com a História e as chamadas Ciências Sociais, aconteceu o mesmo. Pedacos da realidade foram sendo recortados e focalizados com lupas cada vez mais potentes. O erro, a meu ver, é considerar a parte como contrária ao todo, e considerar a visão particularista como contrária à global.

Não deve existir esse antagonismo quase dialético entre a História e as Ciências Sociais, já que são complementares e procuram estudar uma mesma realidade. É claro que um historiador não pode ignorar subsídios que lhe sejam trazidos por antropólogos, sociólogos ou economistas. Tais subsídios podem, até mesmo, fornecer elementos válidos para que ele modifique sua visão de conjunto.

Mas também não é correto o cientista social tachar de pouco científico ou diletante um historiador “generalista” que tem uma visão muito mais ampla e abrangente do que a sua, somente porque não sabe explicar com detalhes particularidades de sua área.

Leonardo da Vinci se extasiou diante da beleza da Gioconda, e com uma arte estupenda retratou-a, com grande harmonia de cores. Chegou a estudar em profundidade, embora com as limitações de seu tempo, a anatomia e a musculatura facial da retratada.

Sinceramente, prefiro admirar uma obra de arte assim, no seu conjunto, a fazer um curso super-especializado sobre anatomia ou sobre cromatismo. Quem é mais, um pintor como Da Vinci, ou um técnico de hoje em dia que escreva uma tese apontando uma falha na anatomia muscular da Mona Lisa? Sei que estou exagerando e carregando as tintas nesta exposição; reconheço a importância e a nobreza das ciências – digamos assim – mais particularizadas, mas não posso admitir que somente elas se considerem científicas e joguem os “intelectuais globais” para o mundo dos sonhadores, dos nefelibatas e dos poetas...

Discute-se muito se a História é ou não é uma ciência. Depende da conceituação de ciência. Na filosofia escolástica, define-se ciência como conhecimento das coisas pelas suas causas (*scire est per causas scire*), diferenciando-se da filosofia, que consiste no conhecimento das coisas pelas suas causas mais altas (*philosophia est sciencia rerum per altissimas causas*).

Assim, o âmbito da ciência é imediato, enquanto o da filosofia é mediato, mais alto e mais profundo. Cabe à ciência da Biologia, por exemplo, estudar os seres vivos. Mas definir o que é a vida, já transcende de seus limites, compete à Filosofia fazê-lo.

Até onde chega o mero intelecto humano, independente de considerações de ordem religiosa ou sobrenatural, esse é o campo da Filosofia. Dali para cima, entra-se na Teologia.

A ciência, pois, se situa na camada inferior da Filosofia, ainda compreendida por ela, mas sendo completada e explicada por ela.

Nessa ótica global, tudo se encaixa perfeitamente, cada coisa em seu lugar, sem conflitos, sem antagonismos, sem entrecosques dialéticos. Não há contradição entre a Ciência e a Filosofia, como tampouco entre ambas e a Religião.

Nessa ótica, eu seria mais tendente a situar a História como parte integrante – e aliás muito importante – do conhecimento filosófico, tendo, sim, elementos de ciência. Nesse sentido, poder-se-ia falar verdadeiramente em uma ciência histórica.

É uma ciência *sui generis*, pois pela sua generalidade e amplitude ultrapassa muito o âmbito das ciências sociais, mais restritas e circunscritas, e ultrapassa também o conceito restritivo de ciência que atualmente prevalece em muitos meios universitários. Há, entre História e Ciências Sociais, um relacionamento complementar, mutuamente subsidiário. É errado supor que a História possa abstrair do suporte que lhe dão a Antropologia, a Sociologia, a Economia, a Ciência Política, o Direito. Mas também pretender, como alguns pretendem, que só essas ciências são verdadeiramente ciência, e lançar a História para o mundo da Poesia, da Literatura, da Anticiência, é errado.

A vida se faz de complementações, de visões globais formadas a partir de visões fragmentárias que se ajustam para formar um todo, e de visões fragmentárias formadas a partir de aspectos da visão global focalizados de modo particular, mas sem perder de vista o conjunto. Querer dissociar a parte do todo é mutilar irremediavelmente a realidade. É falta de bom senso. E sobretudo é falta de bom senso querer fazê-lo em nome da Ciência.

Lembro, a propósito, o famoso epigrama de Giuseppe Giusti (1809-1850):

“Il Buonsenso, che già fu caposcuola,
Ora in parecchie scuole è morto affatto;

La Scienza, sua figliuola,
L'uccise, per veder com'era fatto”.

(O bom senso, que outrora era mestre, hoje em muitas escolas morreu de verdade, porque a ciência, sua filhinha, o matou para examinar como ele era feito por dentro – tradução livre).

Uma ciência particularista e excessivamente especializada, se chegar a perder a relação com o todo, de que utilidade será?

Diante de um panorama maravilhoso, como a Baía de Guanabara, quem se lembra de perguntar qual a composição química da água? Diante de uma estátua deslumbrante, como a Pietà, de Michelangelo, quem se lembra de estudar os átomos que compõem sua matéria? Longe de mim, é claro, negar a importância e a necessidade de estudos químicos ou físicos. Mas pretender que só estudos desses sejam verdadeira ciência, e que não há ciência verdadeira na obra de Michelangelo, é absurdo. É o bom senso assassinado para ser examinado por dentro...

Considero a História, sim, uma ciência, como disse, *sui generis*. E, para ser convenientemente estudada, não pode prescindir da Filosofia e, se o historiador for um homem de fé que queira realmente chegar às últimas causas do que estuda, não pode prescindir de Deus.

★ ★ ★

Bem sei que estas notas aqui singelamente expostas, que exprimem o estágio atual de minhas reflexões sobre a matéria, são em considerável medida opinativas e até questionáveis. Agradeceria que os leitores criticassem e opinassem, contribuindo assim para um debate muito interessante e enriquecedor.

Carta de amor

Escreveu o rapaz à jovem / pela qual se apaixonara
Carta cheia de ternuras / dizendo-lhe: “*Minha cara,*
Podes ter toda a certeza, / que eu te amo sem medidas,
As medidas do amor / tenho todas preenchidas!
Por mais que me custasse / por ti tudo faria,
Barreiras e obstáculos, / a todos derrubaria.”

Se teu pai me odiasse / e te odiasse o meu,
Pouco importa, Julieta, / serei sempre o teu Romeu.
Se numa ilha estivesses, / do outro lado do mar,
Eu a nado lá iria / só teus olhos contemplar.
Se morasses no Himalaia / tampouco me importaria:
Sem qualquer hesitação / logo eu o escalaria.

Se vivesses no deserto / em meio à areia infinda,
Num camelo partiria / rumo a ti, ó minha linda.
Inda que residisses / na cratera de um vulcão,
Eu por certo lá iria / só p’ra te beijar a mão.
Na floresta mais espessa / entre as mais famintas feras,
Lá iria ter contigo / pois que te amo deveras.

Se eu fosse prisioneiro / sem poder te ver um dia,
Ou fugiria, ou por certo / de desgosto morreria.
Um dia sem te ver / causaria minha morte
Só pensar tal me tortura / sinto na garganta um corte.
Que importam sacrifícios, / frio, fome, sede, cansaço?
A tudo suportaria / só p’ra te dar um abraço.

Tiranos enfrentaria / e toda sorte de perigo,
Para poder eu estar / um minuto só contigo...”
Com ternuras desse tipo / e promessas bem juradas
O rapaz encheu na carta / sete folhas perfumadas!
Assinou depois no fim / e já ia envelopar..
Mas lembrou-se que esquecera / de mais um recado dar.

“PS” – acrescentou / com a mão inda a tremer –
“*Amanhã, irei, meu bem, / eu ver-te... se não chover.*”

Boa literatura em blogs e sites... Por que não?

Tenho em mãos, e estou saboreando aos poucos, gota a gota, um precioso livro que me foi mandado pelo mestre e amigo Renato Alessandro dos Santos, coordenador do curso de Letras do Centro Universitário Claretiano, de Batatais. Intitula-se “Mercado de Pulgas: uma tertúlia na Internet” (Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2011, 270 pgs.). Nele, encontra-se reunida uma seleção de postagens que efetuou em seu site www.tertuliaonline.com.br, nos últimos anos.

Durante muito tempo, desde meados do século XIX até certa altura do século XX, debateu-se muito se Literatura era algo possível de existir na velocidade – que àquele tempo parecia já vertiginosa – da produção de textos jornalísticos. A pressa com que se devia, a cada 24 horas, fechar a edição de um jornal, seria consentânea com os nobres vagares da elaboração literária, que durante milênios se firmara como assente? A produção quase em série de textos, numa velocidade que fazia lembrar a famosa linha-de-montagem fordiana, permitiria um burilamento e um controle de qualidade sobre o que se escrevia e rapidamente se imprimia?

Por outro lado, a rapidez extrema com que, no jornalismo impresso, as novas notícias envelheciam e se desatualizavam, fazia com que também dificilmente um texto pudesse ser apreciado, reapreciado, saboreado aos sorvos (mais ou mesmo como estou fazendo com o livro do Renato) e, assim, adquirissem certo caráter de permanência e atemporalidade, indispensável para que pudesse ser, em algum tempo, mimoseado com o prestigioso e ambicionado epíteto de “clássico”. As produções escritas tornavam-se, por força das circunstâncias, efêmeras, quase descartáveis, e isso parecia não combinar, de modo algum, com o que sempre se entendera por literatura.

No entanto, nas entranhas mesmo desse impiedoso processo produtivo tão compressor e massificador, curiosamente estava sendo gestado um gênero literário novo, típico da época e que hoje já se encontra inteiramente assimilado e reconhecido nos moldes da literatura.

Refiro-me à crônica, gênero de texto rápido, diário, ambíguo e polivalente, que diz tudo e nada diz, que, quando bem feito,

atrai e convida à reflexão e à crítica, e que tem, ademais, o condão de quase viciar um leitor. Quem conseguia, nos velhos tempos, abrir o Estadão sem procurar logo as deliciosas crônicas diárias de L. M. (Luís Martins), sucessor de outro brilhante cronista que, no passado, marcara época e deixara saudades, V. Cy (Vivaldo Coaracy)? E quem, ainda hoje, em Rio Claro ou Piracicaba, deixa de ler diariamente as crônicas sempre vivas e sugestivas do meu amigo Jaime Leitão?

Hoje, a crônica constitui um gênero literário inteiramente aceito. Neste ano, já o Prêmio Escriba, da Prefeitura Municipal de Piracicaba, contemplou essa categoria literária, que será alternada com as de Poesia e Contos. Foi uma sugestão minha essa inovação, e com alegria e surpresa foi aceita sem resistências. Imaginei que houvesse reações à iniciativa, mas não houve. Os estudos preliminares foram feitos, uma lei municipal chancelou a ideia e agora o Prêmio Escriba de Crônicas é uma realidade. A poetisa e escritora Ivana Maria França de Negri, da APL, foi a piracicabana mais bem colocada na primeira edição do concurso e recebeu seu merecido prêmio.

Quando começaram a se generalizar os blogs, também não faltaram pessimistas que viram, na novidade, o toque de finados para a Literatura... A velocidade vertiginosa dessas publicações online lhes parecia, realmente, de todo em todo incompatível com a serenidade que habitualmente se espera de um sisudo e bem comportado profissional das Letras...

Pois agora o meu amigo Renato, profissional das Letras, literato e mestre de Literatura, não sisudo, mas brincalhão e bem-humorado, vem demonstrar que, nas velocidades espantosas do teclado e da cibernética também é possível escrever com talento, com bom gosto, com profundidade de pensamento e de análise.

Seu livro é manifestação evidente disso. Nele lemos contos, crônicas, textos poéticos, entrevistas, análises futebolísticas (esqueci de dizer que o Santos Futebol Clube é, quase, a religião do Renato...), comentários cinematográficos (outra grande paixão do autor), considerações sobre Gastronomia e Culinária, sobre Música, sobre Literatura (que afinal de contas é a especialidade do autor). E, dando um charme especial ao conjunto, alguns textos tocantes sobre seu filho Théo e sobre a grande mulher e mãe exemplar que é sua esposa Sílvia Renata.

Detenho-me por aqui, convidando o leitor a procurar na Internet o próprio site do Renato, ou a encomendar, à editora Multifoco (Av. Mem de Sá, 126, CEP 20230-152, Rio de Janeiro-SR), um exemplar do livro.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI

Cadeira nº 17 - Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Vampiras e feiticeiras

Dizem que o século XIX foi a época áurea do vampiro literário. Para a tristeza das donzelas heterossexuais de mil oitocentos e água benta, essa informação não procede. Embora o romance *Drácula*, de Bram Stoker, tenha sido publicado em 1897, os personagens mais marcantes da época vitoriana foram as vampiras.

A partir de *Drácula*, a literatura e o cinema do século XX foram invadidos por vampiros cavalheiros, cada vez mais charmosos e emocionalmente complexos. As vampiras tornaram-se coadjuvantes, aparecendo como noivas vaporosas e/ou terríveis guarda-costas, no harém de um vampiro alfa.

Uns cem anos depois de Stoker, os vampiros rejuvenesceram. Enquanto alguns ganharam visual e conflitos semelhantes aos das atuais gangues de rua, outros chegaram ao século XXI, adolescentes e brilhando ao sol. Sejamos honestos, embora vampiros faiscantes ainda não sejam tradicionais, a presença de adolescentes faz sentido. Onde um vampiro encontraria uma donzela romântica se não fosse entre algumas garotas americanas, para as quais a virgindade voltou a ser uma virtude em si mesma? Como a sociedade politicamente correta reagiria à cena de um vampiro adulto seduzindo uma jovenzinha? Melhor fazer um vampiro também jovem, pelo menos na aparência.

Os vampiros mitológicos nasceram em várias culturas diferentes, espalhadas pelo mundo todo, muitos séculos antes dos vampiros literários. Simplificando, o vampiro é um cadáver que suga o sangue dos vivos e pode transformá-los em novos vampiros. Por absurda que pareça hoje em dia, a existência de uma criatura assim fazia muito sentido quando foi imaginada. Os mortos apresentam uma palidez cuja causa, imaginava-se, era a falta de sangue no corpo. Se perder sangue é perder vida, obter sangue é continuar vivendo.

O instinto de sobrevivência nos diz que estar morto não é

nada bom. Portanto os mortos, certamente, fariam o possível para continuar entre nós (visitando nossos sonhos e delírios febris) ou para levar-nos com eles. Prova disso era que, quando alguém morria e não se tomavam as medidas necessárias para manter esse alguém bem morto e quietinho, outras mortes ocorriam entre seus familiares, amigos e vizinhos. Em resumo, a crença em vampiros se relaciona com epidemias.

Dependendo da cultura à qual pertenciam, os vampiros e vampiras mitológicos eram vistos como entidades malignas ou divindades vingadoras, que puniam os homens por seus erros. Sob o domínio do cristianismo, passaram todos à categoria dos demônios pagãos, subordinados ao diabo judaico-cristão que podia ser combatido com cruces, crucifixos, água benta, hóstia consagrada e preces.

Os vampiros literários do século XIX originam-se da fusão entre o vampiro da mitologia eslava e as crenças cristãs. O predomínio das vampiras está profundamente ligado aos quatro séculos de Inquisição, que terminaram apenas em meados do século XVIII, e tornaram as mulheres a personificação do mal.

Embora a Inquisição tenha torturado e condenado à morte milhares de homens, cerca de 85% de suas vítimas foram mulheres. As estimativas apontam desde cem mil até milhões de feiticeiras eliminadas. Um dos livros mais terríveis já escritos, “O Martelo das Feiticeiras”, ensinava como obter confissões e explicava que a mulher “é mais carnal que o homem, como fica claro pelas inúmeras abominações carnavais que pratica.” E continuava: “Deve-se notar que houve um defeito na fabricação da primeira mulher, pois ela foi formada por uma costela de peito de homem, que é torta. Devido a esse defeito, ela é um animal imperfeito que engana sempre.”

Não é brincadeira. Esse livro foi o manual de instruções dos inquisidores. De acordo com ele, as feiticeiras adquiriam seus poderes após copularem com o demônio. Não adiantava os maridos permanecerem acordados, vigiando as esposas adormecidas. O demônio é invisível e a cópula ocorre sem ninguém ver. Se o marido não viu, é prova de que realmente aconteceu.

Feiticeiras e vampiros literários têm muito em comum: são sedutores, controlam animais noturnos, podem tornar-se invisíveis, temem objetos sagrados para o cristianismo. A Inquisição terminou e deixou mulheres submissas a maridos e espartilhos

que mal lhes permitiam respirar. O feminino estava domesticado, porém até as donzelas mais pálidas e recatadas continuavam sendo mulheres, ou seja, malignas. Bastava que o mal se aproximasse e as seduzisse para voltarem a pecar. Saem de cena as feiticeiras do mundo real; surgem os vampiros e, principalmente, as vampiras na literatura.

A primeira vampira literária aparece em 1797, no poema “A Noiva de Corinto”, de Goethe. É uma jovem que morreu virgem, mas voltou como vampira para seduzir um rapaz. Em 1816, o poema inacabado “Christabel”, de Coleridge, é publicado e traz a primeira vampira implicitamente lésbica, Geraldine, que seduz a inocente donzela Christabel. A partir daí, lésbicas ou não, as vampiras reinam em contos e romances. Aos homens, cabe resistir a seu fascínio, transpassá-las com estacas e salvar donzelas.

Atualmente, duzentos e cinquenta anos depois de Inquisição, as donzelas literárias vão à forra e tratam de seduzir os vampiros.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR
Cadeira n° 18 - Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Intelectuais do novo século

Os intelectuais devem estar mudando! A cultura deve estar mudando e se tornando algo mais imediatista e rápida, alguma coisa em pílulas, como mandam os ventos do novo século; afinal, quem dispõe de tempo para ouvir coisas intermináveis, sonambúlicas e detalhadas a respeito do que quer que seja? Até os políticos têm abreviado os seus discursos! Aqueles que ainda teimam em alongamentos desnecessários, intermináveis e hipnotizantes, estão condenados a falarem para as cadeiras, ou para uma plateia sonolenta, que não para quieta, pois se levanta amiúde para esticar as pernas, fumar um cigarro e se distanciar daquela coisa maçante. Resumindo: conversa, palestra, piada, discurso, aula, seminário, solenidade, leitura de currículo, apresentação de motivos, toda essa fauna deve ser abreviada ao máximo! E não se deve esquecer o imprescindível coquetel, já que, sem ele, vai ser muito difícil ter público.

Os novos sábios já não se apresentam como velhos empertigados, de óculos grossíssimos, porte principesco, vestindo ternos de seda a tecerem considerações a respeito de tudo o que existe no mundo, em conferências ou palestras intermináveis, sem o pejo de serem interrompidos ou contestados, como se fossem os donos da verdade e os deuses das elucubrações luminosas! É impossível saber tudo a respeito de tudo, quiçá saber um pouco a respeito de tudo! Quedamo-nos, embasbacados, frente à realidade que se nos apresenta: a intelectualidade deste século, que pode ser contada nos dedos, representa apenas 3% da população brasileira! Sim, apenas alguns loucos de meia-idade, mal-vestidos para os padrões de elegância, de cabelos emaranhados, barba por fazer, com óculos escuros e porte malhado, versados infinitamente em informática, que se metem a tergiversar a respeito de pinceladas disto e daquilo. Mas não conhecem tudo sobre tudo, pelo contrário, são eternos estudiosos sobre o vastíssimo e interminável mundo do saber. A verdade é essa e ponto final. Daqui para a frente o sábio será representado por um grupo de

pessoas, cada uma especialista numa área, e todos eles alavancados por um banco de dados infinito e um supercomputador.

Parece um dado pessimista, mas nos últimos três séculos subimos bastante o nosso ranking. De 0,8% no século dezoito para os ditos 3%, o que representa um número próximo das 180 milhões de pessoas! Mas, será que vale a pena estar entre estes verdadeiros escolhidos? Será que vale a pena gastar a vida na leitura, cultuando valores altíssimos, e deixar o profano, o prosaico e as banalidades para trás? Onde quer que se vá o fio das conversas é sempre o jocoso, a fofoca e a maledicência. De que adianta, por exemplo, saber que o nome científico do abacate é *Persea americana*, que o nome científico do leão é *Panthera leo*, de que adianta saber o nome de todos os elementos químicos de cor ou ter milhares de informações a respeito de Geografia, História, Economia, Biologia, Medicina, Ecologia e os cambaus, se a maioria das pessoas com quem temos contato nem consegue entender as palavras mais simples que dizemos?!

Isso me faz lembrar o curto espaço de tempo em que fui responsável por um jornal semanal de uma cidade pequena. Escrevia meus editoriais sem me preocupar com o purismo da língua, usando termos bem conhecidos, justamente por estar escrevendo para um público leigo. Mesmo assim, fui advertido pela direção do semanário de que deveria escrever mais fácil, pois os meus artigos causavam muita polêmica porque todo mundo era obrigado a recorrer ao dicionário para saber o significado de palavras complicadas como: discorrer, melancólico, celeuma, perspicaz e muitas outras. Não pensei duas vezes e pedi demissão do jornal!

Degradação

Andante, ia pelos verdes campos
buscando na linha do horizonte
os olhos verdes que perdera
naquela jura de amor inacabada...
Havia naquelas pernas
uma força de labareda, nos braços
a vivaz mocidade decadente um dia
e nos lábios o murmúrio seco

de um beijo, a vontade da carícia negada.
Andante de deserto por fora e por dentro,
carente do contorno facial do vento,
ou da alegre imagem querida
apagada na ardente brasa do turbulento coração.
Andante, tristonho, inexistente de virtudes,
e antes de tudo, saudoso de um lar, da mulher.
E um dia houve a companheira.
E houve um dia uma paixão,
como poucas tinham havido.
Mas o tempo veio, e com ele a desgraça
e o que era amor em amor se desfez.
Infelicidade que a vida dá em troca
do sofrimento, das rugas e do desespero.
Brincadeira maldosa do extrovertido destino, só isso...
Andante sozinho, de alma bem ferida,
sem saber voltar ao si mesmo, humilhado e quieto.
Daí para o passo, por força daquelas opções bem grandes,
foi apenas mais uma pisada em falso.
Depois a decadência, o nada, e poderia ser apenas tudo.
Andante, caminhante de quilômetros sem fim,
de estradas poeirentas e toalhas de asfalto.
Tristeza vai com ele para amargar-lhe os últimos dias.
Andante de pés no chão e coração vazio.
Apenas andante, sem destino e sem fé, cético de tudo,
porque ele próprio era um ato de ceticismo,
descrente de tudo, talvez porque, para ele, a vida
fosse um símbolo de descrença.
Andante de desatino na alma e nos pés,
palmilhando pelas milhas buscando um espelho,
para poder recolher o sangue das feridas abertas
e se pintar com ele para representar no palco da vida
o último ato da sua comédia existencial...

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA
SILVA FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira n° 19 - Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Silêncios que curam

Noite límpida
de lua esplendorosa
acalenta minha mente
sedenta de contemplações

Lá fora, o ruído contemporâneo
ensurdece o homem urbano
que negou a sua própria alma
a possibilidade de sonhar...

Ésopo

*Pedro e o lobo
a fábula reincidente
de lama e engodo
que o povo permeia
em nossa nação.*

*Obstinada gente
suporta e encorpa
a cultura do roubo
a idolatria do corpo
a insistência do copo
e a cobiça do ouro.*

*Onde está o cerne
de nossa alma doente
contaminada pelo vírus
de um sêmen consensual
que alastra devastadoramente
com injustiça, ignorância e ignobilidade?*

*Desintegrados pelas mentiras
sorrisos risos de falsas almas
saudamos com palmas que entoam sons
no vazio dos imorais.*

Inapetências

Como expectador observo os transeuntes. Apavorados. Desarvorados. E me questiono diariamente o motivo de me incluir na multidão e caminhar com o mesmo desatino. Força do condicionamento imposto desde a infância. – Vai, filha, é necessário seguir o fluxo. E fui. E vou. E irei. Entretanto, algumas vezes minha alma inquieta se desvincula do corpo e sarcasticamente ri da tolice definida como rotina. Tomo a palavra, que é minha arma de fuga, e devaneio no virtual de minha única e exclusiva escolha. E me torno indivíduo, longe da decisão das massas, longe dos olhares lascivos e dos horários cativos. Em segundos exploro universos equidistantes de êxtase e angústia, vibro na intensidade de meu próprio arbítrio, que não define limites para liberdade. Adentro cada vez mais fundo ao meu diferencial...

Quarto minguante (miniconto)

Dizem que as energias lunares trazem algo de malévolo. Observo o meio círculo no céu que banha a cidade de luz indireta ao som de um luzidio gato preto miando longamente. Ao fundo, uma sirene faz dueto insistindo em revelar qualquer delito. Ruídos e imagens de uma rotina urbana, cujos personagens contam histórias de desacertos. Um raio espregueira pela janela mais um insone perdido em meio a uma triste madrugada de abril...

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO
ALMEIDA DE NEGRI**

Cadeira nº 20 - Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

O velho médico

O médico aposentado estava sentado na cadeira da cozinha, braços apoiados na mesa, e à sua frente, uma caneca de café com leite, que bebericava vagarosamente e na qual amolecia as torradas que comia.

Enquanto mastigava sem pressa, os pensamentos borboleteavam na mente do velho doutor.

Lembrou-se que no início da carreira ainda dava toda atenção ao paciente, conversando bastante, colhendo informações valiosas para o tratamento, palpando, tocando com as mãos, toque este que parecia fazer parte da cura, como as mãos divinas do Cristo a curar o lázaro.

O tempo foi passando, a tecnologia crescendo, veio a ultrasonografia, a tomografia computadorizada, a era digital e o paciente foi transformado em um número:

– É o paciente do leito trinta da pediatria do pavilhão dois, diziam no hospital, não era mais o Joãozinho.

Não que a tecnologia tenha sido má, pois descobriu muitas doenças quando ainda tratáveis. O problema é que a tecnologia é mal usada, devassou os meandros do corpo e encobriu as belezas da alma.

Lembrou-se também da pressa. Quanta pressa tivera na correria do dia-a-dia indo do consultório ao hospital, aos plantões e aos vários empregos. Nem tivera tempo para si e para sua família.

Tinha tanta pressa que o tempo também acelerara. Os filhos cresceram tão rápido, nem pôde levá-los no primeiro dia de aulas, nem na primeira comunhão, quantas vezes prometera ensinar a andar de bicicleta...tantas que acabaram aprendendo sozinhos. E a casa de bonecas no quintal, que nunca construiu?

Vieram os netos e tudo se repetiu. Cresceram e ele nem percebeu.

Até o gato, quando vinha se aconchegar ronronando ao seu lado, era espantado, pois o doutor não queria pegar toxoplasmose e muito menos ser atrapalhado em seus estudos quando estava de “folga” em casa.

Agora em seus noventa anos, estava ali sozinho, pois a esposa já falecera, os filhos e netos há muito haviam voado para fora do ninho e, assim como ele nunca sentira suas faltas, também não sentiam a falta de um velho esculápio tomando café com leite e torradas. Por sua mente vieram versos mal lembrados de Drummond:

– E agora, doutor
A festa acabou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, doutor
Pra onde?

Comeu mais um pedaço de torrada e café com leite.

Agora, sem pressa, tinha todo o tempo do mundo, mas não tinha mais o mundo para preencher o seu tempo.

Pensou que tudo o que aprendera em medicina, também não significava mais nada, tudo estava ultrapassado, o novo conhecimento substituíra o antigo.

Empurrou a caneca de café com leite para o lado, colocou a testa sobre os braços cruzados em cima da mesa e assim ficou até que duas lágrimas rolaram pela sua face.

A vida fora em vão...

Sob a forma de uma borboleta azul, um pensamento aos poucos veio se aproximando, titubeante, mas foi crescendo, até iluminar sua mente como um clarão multicolorido. A borboleta se transformou naquela pacientezinha de quatro anos que há mais de sessenta anos não pudera salvar, e que em seus últimos momentos beijara-lhe a face e derramara algumas lágrimas, tocado que fora pela compaixão.

Sorriu, montou nas asas da borboleta, deixou seu casulo e voou, voou até desaparecer no horizonte da vida.

Cabrito de Natal

Era uma época em que as casas ainda eram lares. Havia quintal com galinhas, galo, horta e até outros pequenos animais.

O menino tinha uns dez anos quando seu tio trouxe um cabrito bem filhote, que ainda mamava na mamadeira.

O garoto pulava de alegria ao ver o pequeno e indefeso animal que mal podia andar. Tirado que fora da mãe, ainda bebê, estava afoito para encontrá-la e berrava desesperado enquanto o menino o afagava no colo.

Os olhinhos inocentes dos dois seres se encontraram e o garoto foi adotado e adotou o pequeno animal, não sei se como pai, como mãe, ou como os dois ao mesmo tempo.

Ficou como obrigação diária dar a mamadeira ao animal, e ele foi crescendo rapidamente.

O inocente filhote de homem todos os dias passava os dedos na gengiva careca do caprino, até que um dia, muito feliz, foi correndo e gritando avisar a mãe que os dentinhos inferiores e superiores estavam nascendo. Quando colocava o dedo para a palpação gengival, o pequeno, pensando ser o bico da mamadeira, tentava sugá-lo.

O tempo passou lentamente até que o cabrito, já maior, vinha berrar bem cedo debaixo da janela do menino, como a chamá-lo, e o menino saía pela janela e um corria atrás do outro. O cabrito saltitava feliz dando pequenas cabeçadas no garoto.

Poucos meses depois, numa das cabeçadas, o menino percebeu os dois chifrinhos começando a despontar, o que o levou a ter mais cuidado nas brincadeiras das cabeçadas.

O pequeno Bito, assim era seu nome, passou a comer de tudo e gostava muito de mascar as roupas que puxava do varal, causando desespero à Sebastiana, a empregada da família.

Assim, chegou o mês de dezembro, e lá pelo meio do mês, seu tio comunicou que era hora de abater o pequeno ser, que foi amarrado pelas pernas e imolado. Enquanto a faca penetrava o tórax do bichinho, tentando acertar o coração, este berrava com todas as forças, até que finalmente silenciou quando o órgão vital foi acertado.

Então, seus olhos se fixaram nos do menino, lágrimas correram, seus movimentos pararam e os olhos permaneceram abertos, pupilas dilatadas, como a dizer:

– Meu amigo, você me traiu...

Desde então o garoto, já homem, quando chega o Natal, ao olhar a manjedoura e o cabrito ao lado do Menino Jesus, sente de novo aqueles olhos suplicantes fitando os seus e repetindo “traidor!”...

As três batatas

A cidade era quase deserta, em meio à ocupação alemã, durante a segunda guerra mundial.

Ve ou outra passavam velozes caminhões Mercedes, carregados de soldados e tanques do *Führer*.

O silêncio da morte era entrecortado pelo ecoar das botas, cujas solas estatelando juntas durante a marcha, causavam um frio na espinha da família judia de três pessoas, escondidas atrás da parede falsa daquela casa.

De vez em quando, na escuridão da noite, rajadas de metralhadoras faziam parar sorrateiros passos noturnos daqueles que se atreviam a sair de casa em busca de alimento no gueto de Varsóvia.

Muitas vezes, botas pretas que abrigavam pés e pernas em pata de ganso, batiam duras nos degraus de madeira da escada, encostada na parede falsa.

Então, a respiração dos ocupantes do esconderijo ficava suspensa e o tempo parava.

– Seria hoje...? Pensavam os três.

Um suspiro de alívio, os pulmões voltavam a se encher, o coração disparava, quando, pelo buraco de rato, junto à escada, lá estavam, mais uma vez, as três batatas.

Assim se passaram meses, naquela cidade semi-fantasma. Todos os dias, três batatas grandes apareciam no buraco do rato.

Um dia, no entanto, após violento bombardeio, ouviu-se uma grande fuzilaria na escada. Algumas balas quebraram as paredes do esconderijo. Após silêncio tumular, vozes num linguajar diferente do costumeiro. A falsa parede é aberta e vários soldados americanos saúdam a família de judeus.

No pé da escada, no entanto, um soldado morto, com a suástica nazista no braço, tinha em suas mãos semi-abertas, três batatas grandes.

A imagem que fazemos de nós mesmos

Dias atrás, revendo fotografias antigas, em preto e branco, deparei-me com um retrato meu, ainda bebê no colo de minha mãe. Se ela não me tivesse dito que era eu, nunca teria imaginado. Depois encontrei outra, já com mais ou menos três anos, outra com cinco e mais outras um pouco mais velho. Em seguida encontro todas as fotos das cadernetas escolares, do ginásio, científico e faculdade. Coloco-as em uma sequência cronológica, e ao observar aquela metamorfose vejo-me como um ser dinâmico na aparência física.

Vejo também as fotos de casamento e a dos filhos ainda bebês. Nesse instante paro o tempo para que possa observar quadro-a-quadro o decorrer da vida.

Lembro-me de já ter lido que é comum na hora da morte, a visão da vida inteira passando pela mente do moribundo. Acho que deve ser mais ou menos isso que acontece, como esses instantâneos que a máquina fotográfica capta e congela.

Cada foto, como uma palito de fósforo aceso, desencadeia um incêndio mental e todas as lembranças daquele instante afloram para a superfície da consciência e penetro na época retratada.

Quantas lembranças boas, outras más, estas poucas.

Procuro deixá-las irem passando, sem me apegar a nenhuma delas, sem sentir saudades, simplesmente vêm e se vão.

Tempo das calças curtas, do andar descalço queimando a sola dos pés no asfalto quente dos dias de verão. Tempo das dores de barriga antes das notas escolares, tempo de namoro, dos filhos chegando, das tristezas, alegrias, e cheguei até o aqui, agora. Já maduro, estável, feliz. Num exercício mental, corro ao espelho para ver meu retrato hoje. E me imagino no amanhã, cabelos bem branquinhos, rugas, e vou envelhecendo mais e mais, ultrapassando os limites da imaginação. Como essa face mudou em todos esses anos, não pareço mais aquele que era e sou outro em relação ao que serei.

Por sobre meus ombros, o sol da tarde atinge o espelho que alimenta meus pensamentos e minha visão se ofusca com tal luminosidade.

A imagem do espelho se desvanece com o clarão. Fecho os olhos, mas continuo a ver aquela claridade refletida. Dou-me conta, então, de que não sou essas imagens fotográficas ou a reproduzida no espelho. Tal como o reflexo do sol no espelho, percebo que sou o reflexo divino na vida.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CEZÁRIO DE CAMPOS FERRARI

Cadeira n° 12 - Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

Revolucionários paulistas

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi o maior movimento armado da história do País. Envolvendo algumas dezenas de milhares de homens, que durante três meses lutaram nas divisas do Estado de São Paulo, ela significa um marco importante na evolução política nacional e é com certeza um dos alicerces que consolidaram a atual democracia brasileira.

A simples narrativa da guerra, que teve mais de mil mortos, ou seja, na qual morreram mais brasileiros do que na campanha da Itália durante a 2ª. Guerra Mundial, seria suficiente para justificar este artigo.

De um lado, São Paulo e parte do Mato Grosso, e do outro, os demais Estados do Brasil. De um lado, tropas mal-armadas, sem munição e sem treinamento militar, e do outro a elite do exército e das polícias estaduais, equipada com material superior e com maior número de soldados, engajados num combate desigual, que desde a segunda hora deixou evidente que as tropas constitucionais não tinham chance de vitória.

Mesmo assim, suportadas pela população do Estado e pela criatividade da sua indústria, as tropas paulistas lutaram por três meses, sob os rigores do inverno, num terreno que nem de longe lembra o interior de São Paulo hoje. Há 79 anos as estradas, quando existiam, eram de terra, sendo que, na maioria das vezes, eram construídas para serem utilizadas pelas carroças e carros de boi que transportavam o café dos terreiros das fazendas até as estações das estradas de ferro.

E é sob este prisma que o Movimento Constitucionalista de 32 precisa ser visto. Ele foi um movimento paulista, terminou sendo uma guerra paulista – e são duas coisas completamente diversas. Em verdade, logo depois da vitória da Revolução de 30 e da tomada de poder por Getúlio Vargas, a ditadura por ele implantada começou

a ser contestada, especialmente pelos Estados mais desenvolvidos, que viam sua autonomia ameaçada pela nova ordem, que dava ao ditador o direito de nomear discricionariamente os interventores estaduais.

Consequência desta insatisfação foi a criação de uma frente composta pelos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, engajada na redemocratização do País.

Mas não eram só eles que encampavam este ideal. Boa parte da população do Rio de Janeiro e mesmo algumas das mais importantes unidades militares aquarteladas na então capital federal.

Por um desses erros estratégicos fáceis de serem julgados depois, as tropas paulistas foram detidas em sua marcha em direção à Capital Federal, recebendo ordem de ficarem paradas, por cinco dias, no Vale do Paraíba. Aí foi jogada fora a única chance concreta de vitória de movimento.

Ao pararem, as forças paulistas fizeram com que as tropas aquarteladas no Rio também não sublevassem, permitindo a Vargas as medidas necessárias para manter a ordem na capital e angariar o apoio dos outros Estados, que enviaram suas tropas em defesa da ordem estabelecida.

O grande argumento de propaganda utilizado pela ditadura na mobilização contra São Paulo foi o de que, dominado por estrangeiros e comunistas, o Estado mais rico da nação pretendia se emancipar, criando um novo País.

No entanto, nada estava mais longe dos ideais revolucionários paulistas do que uma cisão. A luta que mobilizou o Estado, do cidadão mais pobre ao mais rico, de todas as idades, raças, origens e sexo, engajando milhares de pessoas no esforço de guerra, pretendia, ao contrário, que a ordem democrática fosse restabelecida, por meio da outorga de uma constituição que balizasse o futuro da nação.

Dentro da história de uma nação, 79 anos não é nada. E é este o tempo transcorrido entre o início da revolução, a 9 de julho de 32, e hoje. Com a isenção que só o passar do tempo dá, 32 será revisto e, com certeza, se firmará como uma das mais importantes manifestações democráticas da história do Brasil.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA

Cadeira nº 21 - Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Saudade

Ele era o mais famoso, o mais genial de todos os artistas plásticos que conheci. Não poderia ser somente meu amigo, porque estes encontros costumam ser marcados com antecedência, por quem já se conheceu há muitas gerações passadas. Essa gente religiosa diz que as cores, em certos dias de chuva, irisam como num passe de mágica e passeiam por longos minutos acima do seu túmulo. Pode ser que esse fenômeno seja uma reverberação das atividades que ele continua exercendo no além. Talvez, na sua sabedoria infinita, Deus o tenha contratado para melhorar o aspecto das nuvens, para colorir algumas regiões do espaço, ou até para realçar as cores do arco-íris!

Ele era o mais amigo, o mais sincero amigo de todos os que já tive. Tomávamos muita caipirinha juntos, nos botecos sem nome da vida. E batíamos longos papos, filosofando sobre a miséria, sobre o mundo e os rumos da arte, tão desprestigiada em nossos tempos. Se ele estivesse vivo, com certeza, seria um dos escolhidos para decorar o muro do cemitério, com sua arte colorida, ressaltada de sentimentos e de grande solidão. A solidão que juntos repartíamos. A solidão de sermos duas pessoas diferentes num só corpo. Uma pessoa fadada a ser genial e a ter o seu dom marcado para sempre nas telas do universo, e a outra fadada a sofrer os revezes da vida, a miséria e o preconceito, a indiferença e o desprezo dos artistas mais afamados.

Mas ele, na sua finitude pessoal, no seu desespero cotidiano, era na sua pobreza, na miséria que o rondava, maior que os de renome, majestoso frente à majestade dos poderosos. Grande, imenso na sua humildade negra.

E foi por isso que convivi com ele até a sua morte precoce, sentida, sofrida e inútil.

Pela sua cor escura sempre foi execrado do convívio social, da elite de que fazem parte muitas vezes os que pouco têm para

dar, mas lutam para se sobressair pisando naqueles que verdadeiramente têm seus próprios méritos e talentos.

Certo dia, estando juntos num enterro e andando pelas ruas do cemitério, com passadas contidas pelo féretro, ele foi destilando sua amargura:

— Tempos atrás nem aqui eu poderia ser enterrado, se fosse no tempo da escravatura. Perceba como as pessoas se afastam de mim, mesmo sendo do mesmo nível intelectual e talento artístico. Não é só a cor, mas também a pobreza. Elas são divisoras de águas numa sociedade.

E lágrimas rolaram pelo seu rosto destacando-se na pele escura, era um misto de sofrimento pela perda de um amigo e pela sua desdita, pela sua incapacidade de ser aceito por uma sociedade elitista.

Todos podem dizer que a morte é oportuna, digna e necessária, mas eu digo que ela é uma passagem sofrida, absurda e amarga. E quando entro num cemitério e vejo tanta ostentação, tanta ânsia de engrandecer os mortos, num culto mórbido e doentio, fico pensando se vale mesmo a pena cultuar alguém depois que morre elevando-o com honrarias e homenagens, se ele foi tão vilipendiado, humilhado e ofendido quando vivo.

Mas esse amigo não sabe, ou melhor pode até estar vendo, que nesse cemitério mandei colocar sobre seu túmulo a escultura que ele havia esculpido, onde um anjo negro carrega uma criança branca.

Bem, mas como a vida é cheia de mistérios, aquela escultura beirando a guia da calçada, começou a atrair todos que passavam. O olhar daquele anjo negro direcionado para aquela criança em seus braços, diferia dos demais anjos da necrópole, traduzia um infinito amor, despojado de preconceitos onde o pleno amor altruísta se manifestava naquele velar constante pela criança desfalecida em seus braços.

Grandes mestres das artes sentiram toda a força do talento extravasar daquele mármore frio, mas esculpido com tanto carinho, parecendo até que foi aquecido por mãos hábeis.

Seu nome agora reconhecido foi catalogado como um gênio do cinzel e das telas. Ficaram sabendo que durante dias e noites o escultor se esalfou com grande sacrifício, numa ânsia sempre crescente, para vê-lo terminado. Parecia que tinha ur-

gência, e tinha mesmo, pois logo após vê-lo pronto, esgotado pelo cansaço deu por terminados também seus dias.

Na ocasião de sua morte, não houve choro nem vela, somente eu e alguns vizinhos fizemos seu enterro. Sempre o achei um homem solitário, mas ali, sozinho no caixão com as mãos calejadas cruzadas no peito, dentro de uma sala vazia, tive noção do que é a solidão, a indiferença, o ostracismo angustiante de se sentir desprezado, um pária na vida. O anjo negro de olhar pungente continua a atrair o povo do lugar, que nunca deixou de sentir a empatia daquele olhar e não se cansa de pedir graças para a saúde das crianças adoentadas. Deus em sua grande misericórdia deu-lhe notoriedade após a morte.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS JORGE
Cadeira nº 22- Patrono: Erotides de Campos

Aforismos sobre o amor e a paixão

Deus criou a mulher como se fosse seu primeiro poema de amor
Foi ao luar que colhi e amei a mais linda das orquídeas.
A cada instante a saudade de um velho amor se renova.
Nada supera a beleza do amor: ele é o essencial em qualquer plano.
Ninguém pode definir o amor, pois ele é indefinível.
No amor tudo é imenso no simples gesto, e até no ensaio de um sorriso.
Será sempre amado, quem ama, se souber por que é amado.
De todas as dores, a dor do amor é a mais dolorosa, porque é perene.
Para se chegar ao coração de uma mulher, exale o aroma de seu amor.
Ao coração primaveril, ferido pelo amor, restará a secreta cicatriz.
Porque não te esqueci, posso sentir-me acariciado por ti.
Amante das horas de paixão, eu coleciono os segundos de prazer.
Quando estou apaixonado, navego no éter da imaginação e me sinto infinito.
Na paixão há um aroma doce no começo e quase sempre amargo no seu final.
Sobrevivi às minhas paixões, mas padeço de seus efeitos colaterais.
Eu quero seus beijos, todas as madrugadas, com sabor de orquídeas e orvalhos.
Verdes são os olhos, verdes que eu amo verdes, verdes no verdor da paixão.
De tudo que envelhece, a paixão é a mais frustrante.
Numa relação, a paixão pode induzir ao erro; o amor, sim, leva aos acertos.
Amo tanto a poesia, que nos casamos de papel passado.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM

Cadeira nº 5 - Patrono: Leandro Guerrini

Radioamadorismo de gloriosa tradição

O Radioamadorismo, no passado, teve uma brilhante e significativa atuação na vida do ser humano, numa época em que a comunicação era pobre e limitada. Hoje, podemos afirmar que nas áreas social, cultural, comunitária e humanitária, muito contribuiu para os primeiros passos da técnica da comunicação. Do isolamento resultam costumes rígidos. O contato, por outro lado, traz mudança cultural, libertando o espírito das restrições dos costumes, criando uma situação em que é possível o florescimento da inteligência e da invenção.

Duas forças fundamentais da vida social são o isolamento e o contato. É distinto o papel que essas duas forças exercem na experiência de todos os povos. Cada força leva ao desenvolvimento de um tipo de cultura, que contrasta marcadamente com o tipo desenvolvido pela outra. Assim, o isolamento tende a produzir o que certos sociólogos e antropólogos denominam “cultura de folk” ao passo que o contato produz o que chamamos, em linguagem técnica, “civilização”.

O desenvolvimento das ciências naturais vem exercendo profundas consequências sobre a nossa vida cotidiana. Desde que Galileu, Brahe, Copérnico e seus contemporâneos começaram a lançar as bases da ciência moderna, gradualmente se foi constituindo um acervo de conhecimentos físicos, químicos e biológicos, cuja aplicação aos problemas práticos enriqueceu imensamente a existência humana. Assim, muitas coisas outrora consideradas milagrosas são hoje comuns: a eletricidade, o telefone celular, o raio-X, a fotografia, a televisão, o computador com seus recursos. Sobressaindo, de forma espantosa, o rádio, pelos inestimáveis e relevantes serviços que presta à coletividade, como é o caso do radioamadorismo, hoje, praticamente substituído pelo e-mail e pelos celulares.

Conheça um pouco do radioamadorismo

O radioamadorismo foi e é um *hobby* científico, uma maneira de ganhar habilidade e penetrar no fascinante campo da eletrônica, bem como o ensejo de comunicar-se, através das ondas curtas, com qualquer dos radioamadores espalhados por todos os recantos do globo.

São Paulo e Rio de Janeiro foram os primeiros Estados do Brasil a possuírem radioamadores, seguidos do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e Pará. Pela pesquisa feita, o primeiro radioamador brasileiro foi Lívio Moreira, em 1909.

As leis internacionais definem o radioamador como um cidadão que, sem interesse pecuniário, como verdadeiro amador, procura treinar-se em comunicações e técnica de rádio, investigando, trocando idéias, aprendendo, observando e cooperando para o desenvolvimento dessa maravilha que é a eletrônica.

Com as transmissões nos seus primórdios, há mais de 100 anos, já havia centenas de radioamadores. Já ao fim da Primeira Guerra Mundial muitos milhares se agruparam, formando ligas, estabelecendo princípios e criando o verdadeiro radioamadorismo. Conseguiram assim, em 1921, o primeiro contato através do Atlântico. Os resultados foram as comunicações ao redor do mundo, alcançadas pela primeira vez em 1924. O número de radioamadores subia, as descobertas continuavam e eram entregues ao uso público.

Dispondo dessa imensa cadeia de estações espalhadas pelo mundo, é incontável o número de serviços que o radioamadorismo prestou no campo humanitário. Veja-se, por exemplo, o serviço que ele prestava à nação em caso de guerra, principalmente como rádio-escuta, em países que se estendiam por milhões de quilômetros quadrados, o que dificultava qualquer outro meio de comunicação. Decorria daí o aproveitamento do radioamador pela sua rapidez e extraordinária penetração. Assim também nas cidades atingidas por enchentes, ou castigadas por tufões, lá estava o radioamador como um timoneiro, sendo o último a abandonar o seu posto, numa demonstração eloquente de sua extraordinária utilidade.

Socialmente falando, é de se destacar a coesão existente entre os radioamadores nacionais ou internacionais, que, quando identificados, em cidades estranhas, pelos colegas é-lhes prestada toda

a cortesia, atenção e apoio que se faz necessário. É, enfim, um visitante oficial e por isso é cumulado de toda gentileza possível, numa demonstração evidente do seu alto cunho social na aproximação dos homens no incompreendido mundo de hoje.

Na década de 60, criou-se em Piracicaba “A RÁDIO ESCUTA PERMANENTE”, velho anseio da classe dos radioamadores, que viu concretizada a ideia, graças à iniciativa arrojada do “macanudo” PY2-CCN, Com. Arnaldo Ricciari, que ostentou um dos galardões pela criação desta nova e prestante utilidade pública

Em 1835, o pintor norte-americano Samuel Finley Morse inventou um código de sinais que hoje é conhecido como “Código Morse”. É o CW, sigla do inglês “continuous” (ondas curtas), que significa “telegrafia”. Modalidade e conhecimento aplicáveis aos radioamadores graduados na classe “A” .

CÓDIGO MORSE - USADO INTERNACIONALMENTE

A ...	F ..-	K.-.	P.-.-	U..-
B -...	G -.-.	L.-..	Q-.-.-	V...-
C -.-.	H	M - -	R -.-	W .- -
D -..	I ..	N -.	S ...	X -.-
E .	J .- - -	O - - -	T -	Y -.-
				Z - -..

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira n° 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto

O guerreiro adormece

Adormece guerreiro,
Nos braços de Deus.
Silêncio derradeiro,
Nas lágrimas do adeus.

Forte, nada a temer,
Lutou com fé pela vida.
Não tinha medo de morrer,
Nós sentimos sua partida.

O povo chora baixinho,
Com lágrimas, sem cessar.
No coração nosso carinho,
Até um dia José Alencar.

Mãe querida

Mãe querida, mãe querida,
Nossa eterna gratidão.
Louvaremos sua vida,
Com fé, amor e oração.

Três belas letras distintas,
Escrevemos com amor.
Amáveis, santas, benditas,
Guiadas pelo Senhor.

Parabéns nestas vidas,
Cantam os anjos amém!
Orem pelas falecidas,
E por minha mãe também.

Páscoa de luz

No limiar deste dia,
A fé na ressurreição!
Abençoa nossa família,
Nos dando a salvação.

No homem ajoelhado,
Vejo paz e esperança.
O mundo é abençoado,
No sorriso da criança.

Páscoa de muita luz,
Iluminando multidões.
Ressuscitando Jesus,
Em nossos corações.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO

Cadeira nº 26 - Patrono: Nelson Camponês do Brasil

“Todo mundo me quer bem”

Francisco de Assis Ferraz de Mello conserva a alma de um menino. Nascido em Piracicaba em 31 de maio de 1928, estará completando 82 anos de idade no próximo dia 31. Com seu jeito simples, sem o deslumbre dos que conquistam seu lugar ao sol, Chico Mello, como é carinhosamente chamado pela maioria de seus amigos, ilustra muito bem o poder da vontade e determinação do ser humano. É a testemunha viva da evolução de Piracicaba, desde os tempos em que a Avenida Carlos Botelho era apenas uma via em terra nua, cortando as chácaras existentes onde hoje é uma área nobre de Piracicaba. A Esalq ficava “afastada” da cidade. O calouro Chico Mello, para fugir dos trotes dados pelos veteranos, muitas vezes “cortou caminho” pelas chácaras existentes até chegar à sua casa próxima ao Rio Piracicaba. Duas presenças constantes em sua vida são o Rio Piracicaba e a Esalq. Em sua casa hospedou por muitos anos Felix do Amaral Mello Bonilha, o folclórico Nhô Lica. Chico Mello é professor titular aposentado pela Esalq, escritor, poeta, diretor do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, membro da Academia Piracicabana de Letras, do Clube dos Escritores. Uma característica muito própria de Chico Mello é ver sempre o lado positivo do ser humano, ele não se deixa levar pelos rótulos dados a determinada pessoa. O alcance da sua visão vai além, prefere ver as boas qualidades do indivíduo, de uma forma extremamente natural, equilibrada.

Quantos filhos seus pais tiveram?

Meus pais Alcindo Almeida Mello e Zoraide Ferraz de Mello tiveram seis filhos, eu sou o segundo. O mais velho é o Dirceu, eu, Oroy, Ibraim, conhecido na cidade como Susso, Zenaide e Alfredo José. Meu pai era funcionário público estadual, trabalhava como Fiscal de Algodão. Ele visitava as áreas de cultivo de algodão, fiscalizava as fábricas que descaroçavam, desfibravam o algodão, na

época havia diversas em Piracicaba. Ele era muito brincalhão, tinha um bom coração.

Seus estudos foram feitos onde?

Estudei no Grupo Escolar Moraes Barros, fiz parte do ginásio no Externato São José, que funcionava no prédio onde mais tarde funcionou a Faculdade de Odontologia, outra parte do ginásio eu estudei no Colégio Piracicabano. Na Escola Normal Oficial, hoje Sud Mennucci, estudei o colegial.

Você foi aluno do Frei Paulo de Sorocaba?

Fui aluno de desenho, não cheguei a pintar. Isso foi em 1940. Nós íamos ao Seminário Seráfico São Fidélis.

Qual era a sua forma de lazer?

Era o lazer da criançada pobre. Nunca viajei, jogava bolinha de vidro, virava pião, jogava futebol, tinha nosso timinho, era o Infantil Brasil. Não tínhamos uniforme, nem chuteiras. Apenas a bola! Jogávamos perto da cadeia, hoje Primeiro Distrito Policial. Em frente à cadeia moravam os soldados, os carcereiros. Eu morava ali, na esquina da Rua Vergueiro com a Rua São José. Apesar de reformada, a casa existe até hoje. Meu pai gostava de pescar. A minha infância passei junto ao Rio Piracicaba. Pescava no Vai-E-Vem, trecho do Rio Piracicaba entre a Rua São José e a Treze de Maio, uma extensão de uns duzentos metros, lá havia um bosque, que deu lugar à avenida.

Aos 22 anos de idade, estudante da Esalq, você passou a ser arrimo de família?

Minha mãe teve que assumir sozinha a responsabilidade de criar os filhos, só que por motivos de saúde ela tinha muitas limitações. Eu não tinha nem trajes apresentáveis para ir à escola. Não tinha o material necessário para estudar, nem mesmo o básico exigido. Um professor de matemática vinha de São Paulo para lecionar na Esalq, exigia que os alunos usassem paletó e gravata, além de possuírem instrumentos como régua, esquadro, compasso, compatíveis com seu nível de ensino. Eu possuía esquadro, compasso, iguais aos utilizados nas escolas primárias, de pouca precisão. Fui proibido por ele de frequentar as suas aulas, quer pela minha vestimenta, quer pela falta de material adequado para acompanhar as aulas. Na

época não havia a obrigatoriedade de frequentar as aulas. Eu realizei as provas desse professor, passei conquistando as notas necessárias, a nota média, como dizíamos, sem ter que prestar os exames finais.

Algumas pessoas da Esalq perceberam suas dificuldades e o ajudaram?

Um dia eu estava descendo do bonde na Esalq, um dos diretores do Centro Acadêmico, conhecido como Maia, disse-me: “Chico, o Centro Acadêmico vai dar uma bolsa de quinhentos cruzeiros por mês, se inscreva, mande uma cartinha que você ganha a bolsa”. Acho que eles já tinham conversado a respeito, meus colegas sabiam das minhas dificuldades. Ganhei a bolsa! É o que eu falo de vez em quando, o pessoal participa de concurso de beleza, concurso disso, daquilo. Eu entrei em concurso de pobreza e ganhei! Mais tarde Louis Clement, Diretor Presidente da Fabrica Arethuzina Boyes me deu uma bolsa, já de mil cruzeiros. Fui até o Centro Acadêmico e comuniquei que havia ganhado outra bolsa, passando a que eu recebia para alguém mais necessitado. Com a bolsa de estudo vivíamos eu e a minha família, na época meu irmão Susso já trabalhava. Em períodos de exames eu reunia a minha roupa e praticamente morava por 15 a 20 dias em um dos dois apartamentos situados no fundo da garagem, onde era a casa do diretor da Esalq, José de Mello Moraes, o Melinho, que foi diretor da Esalq por 25 anos. Eu era muito amigo do seu filho, José de Mello Moraes Filho.

Em que ano você formou-se?

Foi em 1953. O próprio Melinho, através do seu filho, me convidou para trabalhar com ele. Fui trabalhar no departamento de Química Agrícola, que funcionava no prédio existente até hoje. Isso foi em 1954. Ali fiz doutorado, livre docência. A Universidade se reestruturou, havia muitas cadeiras afins, que foram agrupadas, formando os departamentos existentes atualmente. Passamos a integrar o Departamento de Solos e Geologia, o primeiro chefe foi Eduardo Salgado, depois foi Guido Ranzanni. Em seguida Moacir Campônês foi o chefe do departamento, em seguida eu assumi a chefia, em seguida veio André Martin Louis Neptune, nascido no Haiti.

Quais são os seus títulos na escola?

Todos da carreira universitária: doutorado, livre docência, que é o concurso mais difícil da universidade, são três a quatro dias

de provas. Enquanto você é doutor não pode dar aulas teóricas, apenas aulas práticas. O professor livre docente pode dar aulas teóricas. Não é todo mundo que gosta de dar aulas teóricas. O professor que é livre docente adquire a independência para pesquisa, sem tutela. Fui catedrático substituto. Cheguei à posição de professor titular. Os cargos de diretor de escola, reitor, envolvem fatores diversos, que vão além da carreira de professor. Tem que ter vocação especial para ocupar essas posições.

Você gosta de poesias?

Gosto muito. Tenho três livros de poesias publicados. Depois que me aposentei publiquei sete livros.

Para você todas as pessoas são boas?

Eu nunca briguei na minha vida! Por que vou brigar? Nunca ninguém me ofendeu, sempre respeitei a todos. Todo mundo me quer bem, na escola sempre fui muito benquisto.

Você ainda criança frequentava as margens do Piracicaba?

Íamos para a Rua do Porto, havia muitas chácaras onde apanhávamos frutas e comíamos. Havia as olarias. Era tudo chão de terra, não havia asfalto. Não existia Jardim Europa, Cidade Jardim, nenhum dos outros bairros que existem hoje próximos à escola. Havia até uma olaria, por sinal de uma prima, da família Fessel. Meu tio Luiz Dias Ferraz tinha uma chácara onde hoje só existem residências. Na época em que eu fui calouro, fugia do trote dos veteranos, pulava as cercas das chácaras e ia sair na Vila Boyes. O trote era bravo, uma das tarefas era levar o calouro para fazer faxina nas repúblicas. Eu tomei pouco trote, corria muito bem! Ninguém me pegava. A Avenida Carlos Botelho era toda de terra. À noite não havia iluminação nenhuma. A Avenida Torquato Leitão era um caminho de terra entre as chácaras.

(Extratos de entrevista concedida ao jornalista Acad. João Umberto Nassif, A Tribuna Piracicabana, 2/5/2010)

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira nº 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Armadilhas da Língua Portuguesa

A língua portuguesa possui muitas palavras com vários significados, o que pode causar confusão para os estrangeiros e até para os brasileiros pouco atentos. Tais palavras são chamadas polissêmicas. Exemplos:

Palavra Significados

1. copa.....a) parte superior das árvores; b) anexo da cozinha
2. corala) cobra; b) celenterado que vive em colônia;
c) canto em coro
3. costaa) dorso; b) litoral
4. língua.....a) músculo da cavidade bucal; b) idioma
5. macacoa) símio; b) máquina para levantar peso
6. mangueira ..a) tubo de borracha ou plástico para regar plantas;
b) árvore frutífera; c) curral de gado
7. meioa) metade; b) ambiente
8. mercúrio.....a) metal líquido; b) deus do comércio; c) planeta
9. nascente.....a) lado onde nasce o sol; b) fonte de água
10. nojoa) náusea; b) luto
11. pataa) fêmea do pato; b) pé de animal
12. penaa) dó; b) peça de metal para escrever; c) pluma
13. planta.....a) vegetal; mapa
14. reala) verdadeiro; b) referente ao rei; c) moeda brasileira
15. serraa) cadeia de montanhas; b) instrumento de corte
16. troncoa) caule das árvores; b) parte do corpo humano

Conhecendo alguns estrangeirismos

Denomina-se estrangeirismo o emprego de palavras estrangeiras ainda não integradas no vocabulário nacional. Os estrangeirismos mais frequentes em português são o anglicismo (inglês) e o galicismo (francês); mas também existem italianismo, castelhanismo etc.

Vejam os exemplos:

Anglicismos: baby, flash, full-time, happy-end, play-boy, play-ground, rally, shopping center, snob, week-end

Galicismos: affaire, atelier, avant-première, buffet, chauffeur, croquis, grand-prix, menu, soutien, toilette

Além dos estrangeirismos léxicos, como os citados acima, podem ocorrer estrangeirismos sintáticos como, por exemplo, o uso de um substantivo anteposto. Exemplo: Copacabana Hotel, em vez de Hotel Copacabana.

Armadilhas do inglês e do alemão

Vários termos do Inglês e do Alemão, assim como da Espanhol e do Italiano, apresentam grande semelhança ortográfica com palavras do Português, porém com significados diferentes; fato este que pode induzir a erros de tradução. Exemplos:

A. Inglês	Errado	Certo
1. actual.....	atual.....	real
2. botton.....	botão.....	fundo
3. break	breque	quebra, ruptura
4. compass.....	compasso.....	bússola
5. convict.....	convicto	condenado
6. eventually	eventualmente.....	finalmente
7. exquisite.....	esquisito.....	delicioso
8. intend.....	entender.....	pretender
9. parents.....	parentes.....	pais
10. pretending	pretendendo	fingindo
11. rise.....	riso.....	ascensão, aumento

B. Alemão	Errado	Certo
1. benzin.....	benzina.....	gasolina
2. boden.....	bode.....	chão, solo
3. forgen	folgar	seguir

4. nennem bebê enviar
 5. stock estoque bengala
 6. zigarre cigarro charuto

Conhecendo palavras comuns a vários idiomas

Existem muitas palavras de grafia extremamente semelhante e, às vezes, até idênticas em vários idiomas. Vejamos alguns exemplos (desconsidere os acentos): album, motel, diesel, radar, gangster, rádio, hotel, revolver, jazz, sauna, jockey, taxi, karatê, virus, laser, yoga, máfia

Armadilhas do espanhol

Existem muitas palavras que, embora tenham semelhança gráfica, têm significados diferentes em espanhol e em português. Exemplos:

Espanhol	Português
1. aborrecer	odiar
2. apellido	sobrenome
3. apurado	apressado
4. berro	agrião
5. borrar	apagar
6. cena	ceia
7. contestar.....	responder
8. cuello	pescoço
9. embarazada.....	grávida
10. jubilación.....	aposentadoria
11. largo.....	comprido
12. pronto.....	logo
13. rato.....	momento
14. rojo.....	vermelho
15. rubio.....	loiro
16. sitio.....	local
17. sobrenome.....	apelido
18. taller.....	oficina
19. taza.....	xícara
20. zurdo.....	canhoto

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
Cadeira nº 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Paixão por carros

Sempre fui apaixonado por carros. Quando criança gostava de brincar com automóveis, caminhões, peruas, tudo feito de madeira ou caixas de papelão. Montava também meus veículos de “fazer de conta” com cadeiras, bancos, caixotes e quejandos de maneira que, com meu irmão e amigos, pudéssemos imitar a vida real. Com cabos de vassoura e tampa da famosa cera “Parquetina” fazíamos o volante e o câmbio. Com outras improvisações tínhamos a embreagem, o freio, o acelerador, o local da chave, o botão de partida (alguém ainda lembra-se disso, também chamado de ignição?), o afogador (e disso?), os faróis, a buzina, enfim tudo que fosse possível construir para simular um veículo automotor. E neles a gente passava horas se divertindo.

Em 1938, meu pai comprou um carro, o que não era comum. Poucas famílias podiam se dar a esse luxo. Durante minha infância e início da adolescência, ele teve esse automóvel, um Ford 1934, preto, duas portas, muito conservado, que ficou sobre cavaletes, guardado numa garagem por causa do racionamento da gasolina, provocado pela II Grande Guerra Mundial. Alguns proprietários de veículos automotores instalaram gasogênios (cujo combustível era o carvão vegetal e bastante perigoso por causa do fogo e do oxigênio) para poderem continuar rodando. Era uma solução trabalhosa, suja, cuja tecnologia meu pai recusou utilizar, preferindo comprar um cavalo para fazer suas visitas domiciliares no exercício da medicina, sua profissão. Durante meses, o carro ficou guardado, sem ser usado, numa garagem, no fundo do quintal; era um local que eu frequentava quase todo santo dia. Gostava de admirar o carro, sentar no banco do motorista e fingir que o estava dirigindo. Sonhava acordado.

Quando o conflito mundial terminou e meu pai recolocou o automóvel para rodar, eu me deliciava quando podia sair com ele para fazer curtos trajetos, uma vez que a cidade, onde vivíamos, era

muito pequena. Ficava fascinado vendo-o dirigir. Não perdia nada e perguntava tudo. Para que serve esse pedal? E essa alavanca? E olhando para o velocímetro indagava: esse “relógio” pra que serve? Prestava muita atenção nos movimentos do motorista, para depois imitá-lo quando estava nos meus brinquedos.

Não via o dia e a hora de poder dirigir um carro de verdade. A oportunidade chegou quando eu tinha uns 15 anos. O carro do meu pai já era outro, mas também Ford e mais novo. Sua cor era o cinza e o ano de fabricação, 1948. Um automóvel mais bonito com suas linhas curvas, bem maior (acomodava seis pessoas), com muitas novidades, dentre elas o câmbio junto ao volante (quatro marchas manuais: 1ª, 2ª, 3ª e ré), buzina mais sonora, quatro portas, porta-malas e tantas outras novidades. A chance de guiar o “posante” chegou quando, saindo, num domingo à tarde, com meu tio Jamil, muito querido, ele me perguntou:

— Você sabe dirigir?

E eu, na ânsia de fazê-lo, respondi, sem hesitar:

— Nunca dirigi, mas eu acho que sou capaz de guiá-lo.

E completei: — de tanto brincar de motorista, de tanto observar o meu pai, eu aprendi.

Meu tio foi muito pronto e corajoso:

— Então sente aqui e saia com o carro.

Não pensei duas vezes. Não podia perder a oportunidade, mesmo estando um pouco temeroso. Tomei o lugar dele, que deixara o motor funcionando e o câmbio em ponto morto, apertei a embreagem, engatei a primeira marcha, soltei o freio de mão e, cautelosamente, na rua plana, fui fazendo o que vira meu pai fazer tantas vezes: aliviar a embreagem e acelerar suavemente. Quando a máquina possante começou a se mover, senti-me vitorioso, ri nervosamente e fui em frente com os incentivos de meu tio.

E ele me dizia:

— Você estava querendo me enganar quando disse que nunca havia dirigido um carro.

Ele não acreditava em mim; mal sabia que eu também não estava totalmente seguro de que fosse capaz. Lembro-me de que estávamos próximos da ESALQ e ele me propôs que levasse o carro de volta à casa de meus avós, onde estavam meus pais, precisamente, na rua do Vergueiro, entre a Prudente e a São José, fazendo, contudo, um trajeto que não cortasse o centro, para evitar o movimento,

que, na realidade, era mínimo, ou, então, o encontro com algum fiscal de trânsito da Prefeitura, pois era esta e não a Polícia que cuidava dessa área.

O fato é que cheguei vitorioso. Meu tio adiantou-se para contar ao meu pai que “o menino sabia dirigir e que tinha trazido o carro da ESALQ até ali”. Ele não acreditou; pensou que meu tio estivesse brincando, porém, com a insistência deste, me quis ver dando uma volta no quarteirão. E lá fui eu fazer a demonstração. Felizmente, tudo deu certo. Daí, para frente, sempre que surgia uma oportunidade, meu pai me deixava dirigir um pouquinho ou então fazer algumas manobras. Depois dos dezesseis eu saía, sem habilitação, sozinho ou com minha mãe ou meu avô, que não dirigiam, mas solicitavam os meus préstimos, como motorista, para levá-los, quando queriam comprar verduras no Mercado ou farinha de milho numa fábrica perto da Ponte do Mirante. Para dizer a verdade, até viagens a Rio Claro, Limeira e outras localidades próximas eu fiz, para levar meus pais à estação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, pois costumavam pegar o trem para viajar à Alta Paulista, onde tinham um sítio com plantação de café.

Houve um fato muito interessante. Às vésperas de completar meus dezoito anos, tanto minha mãe como meu avô me chamaram, separadamente, para dizerem, em sigilo, que me dariam de presente a importância para pagar a minha carteira de motorista. Meu avô raramente presenteava os netos por ocasião do aniversário, fazia-o, sim, quando a gente menos esperava. Eu queria ganhar presente dos dois. Então, combinei com minha mãe o seguinte: aceitaria o presente dele, enquanto ela, me daria uma outra coisa. Assim, garanti os dois.

Não é preciso dizer que dei entrada nos papéis para tirar a carta de motorista na Seção de Trânsito da Delegacia de Polícia, no dia seguinte, daquele em que completei meus 18 anos, uma vez que não havia obrigatoriedade de se fazer o curso, aliás, nem auto-escola havia. Menos de 20 dias depois, eu já era motorista habilitado e documentado.

A partir daí o sonho já era outro: comprar o meu próprio carro. Mas essa é outra história, que vou deixar para outro dia!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE
NEGRI

Cadeira n° 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

As rendas de minha avó

Não tive muito contato com minha avó materna, que faleceu quando eu contava apenas cinco anos de idade. Mas através de minha mãe, eu e minhas irmãs e irmão, ouvíamos atentos as sagas familiares que ela ouvira desde criança.

Minha avó aportou no Brasil, recém-casada, vinda da Itália, aos dezoito anos. Nunca mais retornou ao seu país de origem, que ficou guardado na memória e nas lembranças de infância.

Uma mulher muito bonita e determinada que enfrentou inúmeras dificuldades num país estranho, costumes e língua bem diferentes e a saudade que teve de amargar pelo resto da vida da sua terra natal.

Os filhos foram chegando. Treze ao todo, mas vingaram dez.

Quanto trabalho, peças para cozer, tachos de doces, compostas, roupas para lavar, engomar, num tempo de dinheiro escasso. Mesmo com tantas crianças para cuidar, ainda sobrava-lhe tempo para bordar, tricotar e fazer crochê.

Naquela época não havia empregadas, nem eletrodomésticos. Tudo era feito manualmente e em casa. As frutas e verduras vinham diretamente da horta do quintal, orgulho do meu avô.

Na última gestação, que foi gemelar, teve um parto complicado, sendo que naquela época os partos eram feitos em casa por parteiras e sem recurso algum que não fosse a experiência delas. Devido a complicações, por causa de uma hemorragia, ficou com as pernas fracas. E por conta desse problema, minha avó ficava sentada a maior parte do tempo, enquanto as filhas mais velhas ajudavam a cuidar dos mais novos.

Começou a fazer rendas de crochê. Tecia metros e metros de delicadas peças, utilizando agulhas e linhas bem fininhas.

Eram trabalhos lindíssimos que ela produzia sem parar. Fios entrelaçados habilmente e as rendas prontas eram enroladas em pe-

daços de papelão. Entre os muitos metros de rendas brancas, havia também as azuis, cor de rosas, amarelinhas, verdes, algumas mesclando mais de uma cor, num arco-íris de encher os olhos.

Repartia os rolos de renda entre as filhas prestes a se casar para que aplicassem nas peças do enxoval, toalhas de mesa, de banho, panos de pratos. E mais tarde, para enfeitar os cueiros e mantas dos bebês que iam chegando.

Outro dia, entre os guardados de minha mãe já falecida, encontrei uma caixa repleta de rendas que para ela, eram verdadeiros tesouros.

As de cor branca estavam amarelecidas pela ação do tempo e as coloridas, um tanto desbotadas. Coloquei as brancas de molho ao sol e voltaram à brancura original, e as de cor, tiveram seus tons reavivados.

Ainda não decidi onde vou aplicá-las. Penso que ficarão lindas nos vestidinhos das minhas netas, a quinta geração da família.

Enquanto admiro o trabalho perfeito, fico imaginando no que pensava minha avó enquanto tecia as rendas. Numa época em que não existiam distrações e nem televisão, as mãos se ocupavam enquanto os pensamentos voavam. No que pensaria minha avó?

A cada laçada, um suspiro, e o coração cheio de amor, apesar das dificuldades.

Momentos de dor, de felicidade, de saudade, todas as emoções afloradas e impregnadas nas tramas de cada peça, uma diferente da outra.

E eu revejo minha avó, ora sorrindo, ora chorando, em seus metros e metros de sonhos tecidos à mão...

Pó de estrelas

*Fui gerado no universo
nas esferas siderais*

*Guardo em mim todas as eras
desde as do fogo às glaciais*

*Trago comigo a sapiência
de remotos ancestrais*

*Em meu âmago acumulo
energias minerais*

*Sou um verme rastejante
o menor dos animais*

*Um mísero grão de pólen
oculto nos vegetais*

*Luz brilhante e colorida
difundida nos vitrais*

*Sou gota da branca espuma
na onda a quebrar no cais.*

*A lava rubra que escorre
de vulcões imemoriais*

*Sou o princípio divino
que anima os elementais*

*Sou a alma que alça voo
logo após os funerais*

*O que resta destes corpos
nos despojos sepulcrais*

*Sou ínfima poeira cósmica
pó de estrelas, nada mais...*

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA
NEGREIROS ATHAYDE**

Cadeira n° 34 - Patrono: Adriano Nogueira

O Sonho do Candangotodosnós

*“Que os homens de amanhã que aqui vierem, tenham
compaixão de nossos filhos, e que a lei se cumpra”*

22/4/1959 – José Silva Guerra,

operário (candango) da construção de Brasília.

De repente, a insolência do passado
violenta a pátina
do concreto adormecido

Os escombros (cúmplices) vertem
atrevidos
rabiscos esquecidos (...mais que isso)
frases avulsas de passar o tempo
(...muito mais que isso)

Mais que arroubo lírico
de candango
cansado, suarento,
mal remunerado, talvez,

(era preciso, afinal, sobejar
ao bornal das empreiteiras...)

Mais que simples recado
na agenda qualquer
das horas vagas
Mais que delírio da mente
desbotada na secura
do ar e do sol
Inclmências planando
sobre a cabeça candanga

Mais que tudo
muito mais
uma prece, um desejo talvez
talvez mesmo a esperança
quem sabe agora (...finalmente?)
o parto do sonho brasileiro

(nem importava mais que a gestação da cidade
sangrasses instituições sagradas)

★

Ergue-se o pano!
Agora, ali
o ventre aberto do concreto
o recado/prece do candangotodosnós

(Ironia ferina percutindo
a secura dos ares)

Justo ali
os mesmos ares
a mesma secura do sol e do ar
a utopia nascendo possível
Grandes homens
homens Grandes
envolvidos todos
extenuados todos

(era sublime desenhar os contornos
de uma grande República)

Tarefa de gigantes
(homens Grandes
Grandes homens)
da secura dos mesmos ares
dos engodos da história...tantos
a alvorada nova para um povo
a alegria da esperança
o resgate da crença

(era divino, até, e tentador
sonhar uma República de Verdade)

Grandes homens
homens Grandes
estafados de sedimentarem
alicerces perenes
a justiça para todos
a lei para todos
sobre todos
sobre tudo
igualdade

(a gravidez da Mãe-Pátria clamava
pela Verdade da República)

homens Grandes
Grandes homens
do amanhã
(oxalá estadistas)
frontes porejando luzes:
-(brio-verdade-honra)-
o ideal de patriamada
conduzindo o passo
A utopia ...ainda possível

(por estrela-guia – uma República
para a posteridade – uma Nação)

★★

Cai o pano
a pátina aberta em chaga
as entranhas do concreto
nuas
a nudez da história
o engodo da história
uma vez mais
madrasta

O sonho/prece
inerte
asfixiado
estiolado

(a secura do ar
e do sol...talvez ?)

A clausura no concreto
longa demais...
a mudez do concreto
longa demais...
a arquitetura do cinismo... sólida demais
a sanha lesa-pátria...escancarada demais
a utopia...nunca mais

O recado/prece agoniza
Restos de velada elegia
amortalhados
na secura do ar e do sol

O horizonte cinzento
desenha um epitáfio:

“O sonho do candangotodosnós
...natimorto”

(em meio à caminhada...
era preciso a compaixão nos homens)

COLABORAÇÃO DO ACADEMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira nº 35 - Patrono: Prudente José de Moraes

Senhor Embaixador

O raio de luz penetrando pelas frestas trazia um pouco de oxigênio e esperança, as sirenes gritavam, os motores das pesadas máquinas roncavam, cães latiam, vozes indefinidas ecoavam. Os ombros estavam presos em um abraço de concreto. Sentia-se em uma camisa de força. À sua frente projetava-se um filme, um menino de pés no chão, calça curta, corria atrás de uma bola, uma voz o chamava: “– Neco! Venha tomar banho!” O pé de jabuticaba, com tantas frutas docinhas. A cerca de bambu quase tombando com o peso do pé de chuchu, carregadinho. Quantos cavalinhos ele poderia fazer com aqueles chuchus! Bastava colocar quatro pedaços de taquara e pronto! Estavam em pé para a batalha! A mangava voava fazendo um barulho forte com o movimento das suas asas. Dona Madalena estava junto ao fogão improvisado, feito com tijolos, ali estava sendo preparado o sabão feito em casa. Sebo, cinza de fogão a lenha, soda cáustica, água e fervura. O cheiro forte invadia o ar pesado. Depois do cercado a Mimosa mascava o capim, um processo interminável. Lembrava muito quando Chiquinha mascava o chiclete. O chão encharcado formava um lodo negro, macio, quando pisavam nele o barro subia pelos vãos dos pés nus. O trabalho no armazém do Seu Candinho, logo cedo o café com pão e margarina. Um pedaço de fumo de corda para o Nicolau. A conversa sem fim do Zé do Prego. O cheiro de pão fresco invadia o ar. Seu Candinho arrastando o chinelo, Dona Creusa com óculos de aro preto e lentes grossas conferindo os números, era dia de receber as cadernetas dos clientes. Aquilo tudo era tão igual, todos os dias a mesma coisa, mais parecia um quadro pintado pelo Zé do Bode. O amor de Ritinha, que fechava os olhos quando ria. O dia em que vestiu a farda no quartel. Motorista do Tenente Jorge, nunca tinha visto nada igual, um militar no exército brasileiro, descendente de japonês, que dava ordens sorrindo, advertia sorrindo, expulsava sorrindo. Seus desafetos diziam que ele só chorava quando fazia amor com sua mulher! O ingresso na universidade. A liderança estudantil. O baile de formatura dançando com Denise, o aroma do perfume era inesquecível. O ingresso no Instituto Rio Branco. O professor Zé Barata, que tinha uma fotografia de fraque e cartola junto à

Rainha Elizabeth da Inglaterra. Chico Brillhantina dava aulas de ética governamental. Mané Cascadura, sujeito intragável, nariz empinado. O aroma do perfume de Denise tornou-se mais forte. Já não sentia mais nada da cintura para baixo. Que raios de coisa estava fazendo naquele país de gente briguenta? No começo era tudo muito bonito, depois um maluco assumiu o governo. Tinha pedido transferência para outro continente, mas o momento não lhe era propício. Dias Menezes, ministro da pasta, não queria mexer em nada naquele momento. Cada diplomata ficaria onde estava. Ele poderia estar em Nova Iorque, Londres, Paris. Mas estava naquele fim de mundo. O cheiro de sabão caseiro invadiu-lhe as narinas. Acho que Dona Madalena vai fazer mais uma tachada hoje. O beijo de Ritinha. O perfume de Denise. Já não tinha mais forças para mexer o pescoço. Um estalo. Escureceu tudo.

Ritinha em Belém, Denise no Rio de Janeiro, Dona Madalena em Confins, sentadas em frente a televisão abrem a boca em um espanto só, o apresentador dá a notícia:

“O Brasil perde um dos seus mais valorosos diplomatas, faleceu hoje soterrado nos escombros após um bombardeio o embaixador Célio Alves de Lima, o presidente da república decretou luto oficial por três dias”. Ritinha passa o batom, Denise abre o vidro de perfume e espalha algumas gotas sobre o braço. Dona Madalena lembra que amanhã tem que comprar mais soda cáustica para fazer sabão. Célio teve o seu corpo transladado para o Brasil, velado em câmara ardente, seu caixão coberto com a bandeira nacional. As televisões exploraram o assunto até a exaustão, transformaram o diplomata no candidato a santo, assim como no passado fizeram com alguns políticos, raposas de pelo longo, que morreram no poder e foram pranteados na comoção popular estimulada pela mídia ávida de emoções baratas, que caem no gosto popular. Autoridades desfilaram ante o caixão, com olhos vermelhos de choro forçado ou aguardente, sabiam que naquele momento estavam faturando a tão preciosa visibilidade popular. O cheiro de vela queimando, misturado ao de flores, a grande massa popular querendo chegar junto ao caixão, tudo era um convite para sair ao ar livre. Alunos do Itamaraty presentes no féretro, imaginavam se um dia estariam na mesma condição: herói morto. Adeus viagens, recepções, contatos com pessoas importantes de outros países. Só restava o perfume de Denise e o batom vermelho de Ritinha. Na praça recém inaugurada um morador se rua se acantona na base da herma do Senhor Embaixador. Um cão que lhe faz companhia espanta as pulgas. Em um país muito distante as bombas continuam a matar inocentes. A humanidade segue em sua rotina habitual.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira nº 36 - Patrona: Olívia Bianco

A Vida

Dizem que a vida é uma balança, ora oscilando para o bem ora para o mal. O difícil é o homem equilibrá-la no centro, o que supõe praticar a justiça.

Há sempre uma serpente no caminho, mostrando a liberdade fictícia, ou melhor, instigando o ser humano a buscar meios ilícitos que o conduzem à prisão. Esta não precisa ser necessariamente de grades de ferro, lembrando uma penitenciária, já quase inteiramente depredada pelos próprios presidiários. Pode ser a cadeia do “eu” interior, a que mata devagarinho, pois a pessoa se enrosca na teia do próprio emaranhado.

Mas para tudo há esperança, mesmo que seja em proporções diminutas. Torna-se importante apoiar-se numa força maior, tentar transpor os pequenos obstáculos e acalentar aspirações que promovam não somente sua pessoa, mas também a do próximo.

A alegria dessa primeira vitória será reforço para outras mais, pois trará no âmagô a mensagem de que podemos e devemos lutar para alçar voos cada vez mais altos e não temer o Infinito.

Declaração de Amor

Margaridas de campo
levemente presas
por laço de fita amarelo,
mensageiras ternas
desse doce encontro.
As faces da amada
coram-se iguais romãs,
tremem as mãos que se tocam,
a paixão reluz nas “íris” brilhantes.
Há prenúncio de eterno idílio
repleto de carinho,
na declaração comovente:
“Amor, nunca se esqueça,
que eu amo você!”

Árvores amigas!

Gosto muito de ver, fotografar e escrever sobre as árvores.

Comparo-as a entes naturais, mas com características espirituais. Imagino como seria tudo insípido, se elas não existissem. Para mim são as filhas prediletas da mãe-natureza, que lhes permitiu representar os mais diferentes papéis nesse teatro vivo. Ora elas são como crianças arteiras, brincando de esconde-esconde dos raios do sol, ora são adolescentes e jovens, sussurrando segredinhos de amor para os botões de flores coloridos entreabertos. Na maturidade, tranquilas extravasam serenidade em doar flores, frutos e sombra para os caminheiros. Com o mesmo carinho se deixam saciar pelas aves, animais e sobretudo por nós homens.

Nada pedem em troca; talvez só sonhem em não serem interrompidas nos seus ciclos, por machados ferozes que às vezes as matam de imediato, ou então aos poucos, e as seivas param de circular.

Se elas pudessem falar, certamente nos pediriam para as deixarmos viver livremente.

Eu, particularmente, enxergo nelas um dos mais ricos presentes divinos. Os seus ciclos reproduzem a vida. Como elas, também nós. E quando caem ao solo definitivamente, se fundem com a mãe-terra. O mesmo acontecerá com nossos corpos mortais, quando encerrarmos nossa trajetória terrestre.

Contudo temos a centelha divina que nos permite criar unidade com o Deus Criador. Como Ele próprio nos ensinou o respeito à natureza e tudo que nela existe, tenhamos o maior cuidado, respeito e carinho por elas.

Árvores amigas, como as amo!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI
Cadeira n° 37 - Patrono: Sebastião Ferraz

Entrevista com o Príncipe dos Poetas de Piracicaba

A Academia Piracicabana de Letras outorgou a este nobre escritor da terra o título honorífico de “*Príncipe dos Poetas de Piracicaba*”. Sua obra contempla mais de quatro décadas dedicadas à poesia, especialmente os sonetos. Bafejado pelos ensinamentos de sábios sacerdotes em colégio de formação religiosa, recebeu extraordinária formação literária que lhe propiciou enveredar pelo caminho da poesia, da crônica, dos contos, do jornalismo, havendo editado de 1959 até 2001 sete livros de poesia. Aos 86 anos, Lino Vitti tem orgulho do título. Saudosista assumido, vive num amplo sobrado com Dorairtes, companheira de 57 anos que lhe deu sete filhos. Mas não despreza as novas tecnologias e usa o computador. Nessa entrevista, ele abre o coração e conta o que o emociona e o que o choca no mundo de hoje.

A PROVINCIA – Vale a pena ser poeta?

Lino Vitti – Penso que vale a pena, e muito. A prova são os sete livros de minha lavra. O primeiro, “Abre-te Sésamo”, publiquei quando ainda era moço. Depois vieram “Alma Desnuda”, “Sinfonia Poética”, “Piracicaba, minha terra”, “Sonetos mais amados”, “Plantando contos e colhendo rimas” e “Antes que as estrelas brilhem”, esse último de 2001.

O que representa o título

“Príncipe dos poetas piracicabanos”?

Ah, isso é uma coisa que me dá o maior orgulho! Recebi da Academia Piracicabana de Letras, em 1978, e para mim representa uma compensação aos meus longos anos dedicados à poesia.

Quando o senhor começou com a poesia?

Aos 15 anos, quando era seminarista, no Seminário Santa Cruz, em Rio Claro. Lá era proibido praticar poesia, redigir ou pensar tudo o que estivesse relacionado a ela. Mas em certa ocasião apareceu um clérigo de outra congregação, chamado Antonio dos Santos, e que

era poeta. Ficou para mim essa divisão entre teologia e poesia. Escondido de outros padres, aprendi todas as técnicas da poesia.

Por isso o senhor desistiu do seminário?

Na verdade eles me mandaram embora. No pátio havia uma figueira e uma folha despencou do alto. Comentei com meu colega que estava me sentindo assim. Mas na hora passou um padre que tomava conta da gente e foi o que bastou para chamar meu pai. Ele pediu para que eu sáísse pois não tinha certeza da minha vocação.

O senhor se arrepende de ter desistido ou de ter passado um tempo lá?

Nem uma coisa nem outra. Eu realmente não tinha vocação para sacerdote, mas devo aos padres tudo o que aprendi, tudo relacionado à cultura. Eles formam homens.

Como era a formação de um jovem naquele tempo?

Era a mais ampla possível. Eu aprendi latim, francês, italiano, e tive noções de grego.

E a disciplina, como era?

Era rígida a ponto de um seminarista não pode tocar outro colega com as mãos.

Tanta rigidez tem um lado positivo e um negativo?

De forma nenhuma. A rigidez só tem lado positivo, você tem de ser rígido em tudo.

Essa rigidez estaria em falta na educação de hoje?

Penso que sim. Acho que a educação está muito liberada, acho que no fundo os jovens sentem falta de mais rigidez.

O que o senhor acha da Igreja Católica atual?

Ela acompanhou muita coisa, mas em algumas se manteve, o que tem de ser. As pessoas que se dizem mais liberais não querem aceitar que existem certas coisas que são imutáveis na alma humana. A Igreja não pode aceitar o pecado, o divórcio, o homossexualismo.

Mas a Igreja não precisa se modernizar?

Pra quê? Ela não tem obrigação de fazer isso. Sua obrigação é com a crença, com o sagrado. Quem tem de se adaptar a ela

é o fiel, ele é quem tem de seguir o que a Igreja determina.

Mas a Igreja não está perdendo fiéis por ser imutável?

A Igreja não visa coisas materiais, ela visa o lado espiritual. Ela não tem de aceitar o divórcio, ela tem de manter o casamento.

Há quantos anos o senhor mantém seu casamento?

Estou casado com Dorairtes, que é professora aposentada, há 57 anos. Temos sete filhos, seis moças e um rapaz, 15 netos e uma bisneta. Realmente é um vínculo indissolúvel.

O que é preciso para ser um bom poeta?

Em princípio, a poesia é um dom natural. Mas eu penso que escrever poesia não é só fazer quadrinhas ou estrofes que tenham métrica, rimadas ou em versos livres. A poesia é uma maneira de transmitir o que está dentro da pessoa de uma maneira elevada, de uma forma incomum. O bom poeta deve ser, acima de tudo, um observador profundo da natureza humana.

O que a modernidade trouxe de bom para o homem?

Trouxe coisas ótimas como as inovações científicas, as novas manifestações culturais. Esse é seu lado bom. Por outro lado, tem seu lado negativo quando se entrega ao abuso do sexo, do crime, da moral, da justiça, e até do abuso do amor.

O que choca o senhor hoje em dia?

Essas coisas que acabei de falar me entristecem. O que me choca é a política. Porque, em vez de cumprir aquilo para o qual foram eleitos, os ilustres representantes da política nacional aproveitam-se de seu mandato para abusar do povo.

O que Piracicaba representa para o senhor?

É meu berço e berço a gente não discute, a gente ama. Sei que hoje a cidade tem muitos problemas como violência e falta de policiamento, mas isso existe em todo o lugar.

Santana deve ter um lugar reservado nesse ano, não é?

Claro. Nasci em Santana em 16 de janeiro de 1920 e lá aprendi tudo o que sei. Vivi uma vida campestre, no meio da mata virgem, no meio das lavouras de milho e dos cafezais. Armava arapuca para passarinho, pegava peixe na beira do rio, colhia mara-

cujá na capoeira. Tudo isso desapareceu e em seu lugar colocaram canaviais que acabaram com a mata, os pássaros, os bichos, as frutas, os peixes. É triste para mim, que sou poeta, ver como Santana perdeu a poesia!

(Transcrito, com licença do entrevistado, do site <http://www.aprovincia.com> – de 10/7/2006)

Dois extremos: a Cruz e a força

(Ao Ézio poeta, com admiração, pelo seu belíssimo poema sobre o apóstolo Judas)

A tarde se cobria em trevas e tristeza
envolvendo de dor homens e natureza,
envolvendo de luto a terra criminosa.
Agonizava um Deus numa cruz tenebrosa,
na companhia atroz de dois pobres ladrões.
Era a tarde da Morte e a tarde dos perdões.
“– Perdoa-lhes, Meu Pai, não sabem o que fazem,
seus toscos corações em mil pecados jazem!”
Que grandeza divina, oh! que perdão sublime
que desfecho feliz para o ódio, ou o crime!
Ouvir do alto da Cruz a palavra que salva,
ouvir de uma colina, escalavrada e calva,
essa voz divinal a perdoar os pecados,
dos míseros mortais à dor escravizados.

E enquanto a luz do sol morria no horizonte
morria uma Outra Luz na cimalha de um monte!

Morria? Oh! não! Um Deus não morre nunca,
jamais pode findar um Deus à garra adunca
da Morte! Foi somente um sono passageiro,
da Eternidade foi um segundo altaneiro.
O suplício da Cruz foi um abraço imenso,

desceu do Céu à Terra, um celestial incenso:
o incenso do perdão, santo incenso do Amor,
o Calvário era, então, luzente e alvo Tabor.
Para lá se voltava o ansioso olhar do mundo,
nesse extremo momento feroz e iracundo,
em busca da Verdade, e a Paz do coração,
o Gólgata a luzir fulgores de Perdão,
uma Cruz a espargir da Vida o Amor fecundo,
uma Cruz a abraçar a imensidão do mundo!

No outro extremo do Monte Sacrossanto
reinava o desespero – esse tétrico manto –
envolvendo o traidor Apóstolo de Cristo
a quem dera também o signo de benquisto.
Ao invés de uma Cruz, uma Forca terrível,
balouçando ao sabor de uma corda insensível!
O vento a assobiar tragicamente canta
a elegia da corda apertando a garganta
do apóstolo infeliz, tão ingrato e infeliz,
que de Deus o perdão desprezou e não quis.

Uma Forca e uma Cruz, dois símbolos de morte,
ambos a conclamar enigmática sorte.
Patíbulo de Cristo, a Cruz trouxe o perdão,
a Forca traz, porém, dura condenação.

No extremo de uma Cruz sucumbe a Imensidade,
no extremo de uma Forca, acaba a falsidade.
Frente a frente estão dois extremados destinos,
um apenas Amor, outro só desatinos.
Do Calvário, a fulgir, brota a Luz santa e pura,
Da Forca brota o horror em forma de criatura.

No topo, grande Cristo, o instrumento sangrante,
se fez, ao receber-te, um opróbrio triunfante,
enquanto o rude galho onda a corda balança
é o símbolo fatal da vil desesperança.
Extremos que jamais se tocarão, porque
unirem-se Ódio e Amor, na vida não se cré.

A traição e o Perdão repelem-se, são pólos,
criaturas que jamais terão os mesmos colos,
jamais se encontrarão do mundo no vaivém,
porque a Traição é o Mal, porque o Perdão é o Bem.

“Melhor fora jamais haver você nascido”
disse Cristo ao Traidor, e “embora arrependido,
não poderá aceitar o meu perdão divino.”
Que desdita infernal, que terrível destino!
“Seguidores terá, no entanto nesta terra
homens que trairão, homens que farão guerra.
Florirão as traições e muitos seguidores,
palmilharão a estrada estulta de seus passos.
Muitos adorarão o dinheiro e os favores,
muitos pedras darão em lugar de dar flores,
como você, darão os traiçoeiros abraços.”

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira n° 3 - Patrono: Luiz de Queiroz

Prefiro olhar os ipês

Sem exagero, mas é verdade! Abrir os noticiários e a cada dia ouvir, saber ou enxergar mais desgraças e desumanidades? Para quê? Para me entristecer a cada instante e fazer da vida um mar de tensões, descrenças e desesperanças? Não! Para mim, não está dando mais! Quero me ater a mais amanheceres enquanto tiver tempo, quero sentir o perfume e o novo das manhãs, e colher quantos pores de sol estiverem ao meu dispor e ao meu alcance ainda... Quero agarrar tudo isso, e não desperdiçar um segundo sequer da esperança, minúscula que seja, mas que ainda trago dentro do meu coração e do meu ser, e de cada hora que me atinge gritando as paisagens que não desprezo por nada deste mundo, nem a diversidade de flores e de plantas que me encantam em cada desabrochar... Prefiro olhar os ipês que me comovem, promovendo em mim uma ternura estonteante que, se pudesse, me faria ajoelhar sempre, num agradecimento fantástico e enternecedor ao Criador, por tanta maravilha recebida!

Para mim chega de tanto sangue e de crimes hediondos, inexplicáveis e indescritíveis em se tratando de seres humanos atacando, maltratando, roubando ou destruindo, e desiludindo a vida, mesmo porque é o homem quem mata e maltrata! O animal irracional apenas cumpre sua missão natural de sobrevivência. É a sua natureza! No entanto, o comportamento animalesco do homem se torna dia a dia tão desordenado, chegando ao ponto de tirar a alegria da vida de muitos! Por isso resolvi olhar os ipês e, se fosse possível, não lembrar de tanta tristeza dos atingidos! Pelo menos, gostaria de “inventar truques” para me envolver e me conscientizar da impossibilidade de desprezar a beleza que, mesmo sendo tão agredida, ainda assim não se cansa de se revelar em tantos momentos inebriantes e inesquecíveis...

Quero, sim, mais do que nunca esquecer olhares tristes e desconsolados dos que choram a perda de seus entes queridos ou de seus amores, pela violenta insensatez indesculpável de desalmados,

que colherão pelos seus desatinos e crueldades, e lembrar-me mais “dos olhos de Deus que enxugam as lágrimas humanas”... Quero olhar os ipês, repito, sobretudo nesta estação que é deles, e, quando sua explosão majestosa de cores, formatos e tamanhos, ainda nos conta histórias de emoção e dignidade, apesar deste mar de horrores em que o mundo se afunda incessantemente!

Culpados, culpa e revolta, desalinhamento social ou comportamental de cabeças doentes ou mal formadas, não é mais questão de avaliações ou desculpas. Onde encontrar tanta compreensão ou perdão para dar? Importa agora o mal além das forças e dos limites que este desequilíbrio desumano anda proporcionando, não só nos prejuízos materiais das vítimas, mas, no medo e no terror que machucam muito, e, pior de tudo, na destruição de sonhos, mutilando física e mentalmente, e afinal ceifando tantas vidas!

Não quero, nem acredito mais em explicações de “quem de direito” que nada resolvem, nem consertam coisa alguma, nos tempos em que se acumulam sofrimentos, e não ouvem os gritos de socorro que se perdem por não serem jamais atendidos.

Prefiro olhar os ipês!...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI

Cadeira nº 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade

Primavera anunciada

Quando setembro vier
quero estar de pé no chão
com uma flor no cabelo
uma esperança, um apelo
ardendo no coração

Quando setembro vier
serei a mulher
das colheitas
Perguntarei
o que não sei
– e se me aceitas

Quando setembro vier
serei a cítara
que alguém citara:
uma oração
uma canção
– e kandara

Quando setembro vier
na primeira aragem
tomo coragem
e me alisto
– no último pelotão
uníssonos cantochão
no exército de Cristo

Quando setembro vier
– dizem os astros –
haverá um esplendor
um calor
colossal
Estarei de pé
cheia de fé
de luz e de sal

Quando setembro vier
virá o sonho, a arte
Não posso dormir, no entanto
ou perderia o espanto
– a melhor parte

Quando setembro vier
darei adeus ao frio
correrei para os teus braços
morrerei nos teus abraços
na corredeira de um rio

Quando setembro vier
estarei de plantão
na garagem da casa nova
na época da desova
piracema da estação

Entra! – é tua
a Nova Terra
o solo bendito
o amor infinito
da salvação

E se for possível
meu bem
se ainda existir
um nupcial bem-me-quer
eu estarei lá, meu amigo
para cantar contigo
quando setembro vier...

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARLY THEREZINHA
GERMANO PERECIN**

Cadeira nº 2 - Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Academia de Letras de Piracicaba, comentários de uma observadora

Uma Academia de Letras é organizada dentro dos sólidos propósitos da prática do conhecimento, das reflexões estéticas, humanísticas e filosóficas, do respeito mútuo e do exercício da Liberdade. Foi a ética prevalente na iniciativa do seu fundador, o folclorista João Chiarini, figura de incontestável valor na Inteligência Piracicabana. Ao longo das décadas, a Academia de Letras atravessou anos de crise, resistiu ao tempo e hoje se apresenta como uma entidade de respeito e admiração.

A sua evolução sintetizada em pouquíssimas palavras não foge à regra dos vendavais e tsunamis por que passaram as suas congêneres. Mudam os homens e as mulheres, transforma-se em novo o antigo, sem que a causa pereça. Vale a pena repensar e reinventar para obter o óbvio, o bem cultural acalentado, o produto definitivo em favor do saber coletivo. Eis a intenção que não muda, impressa na alma das academias para sempre.

Como para os estetas do pensamento, quase tudo de valor teve as suas origens na Inteligência Ocidental, no interior do universo helênico, gostamos de retroagir no tempo para lembrar aos jovens os dias de fausto sucedâneos ao século de Péricles. As elites da Hélade reuniam-se nos jardins atenienses, onde se homenageava o herói Academus para evocar as musas, as divindades especiais que encantavam a inteligência de Zeus. Naquele mesmo lugar, o mais brilhante discípulo de Sócrates, Platão, iniciou a sua academia (escola) com propósitos universais, mas acabou prevalecendo a Filosofia sobre os demais saberes. Em virtude da tradição gerada na civilização ocidental, os grupos literários, artísticos e científicos denominaram-se academias, uma vez que a sua função específica era produzir e difundir a cultura, apresentar o novo e o transfigurado, congregar os aficionados nos banquetes da Inteligência.

Assim pensando, uma Academia deve ser o complemento

de todos os grupos do Saber, a confluência das idealizações positivas, o corredor das idéias de paz e de bem viver, bem como a partida para as iniciativas editoriais. Mas é, acima de tudo, o benfazejo espaço representativo da substância, gerada no pensamento pela imaginação, a intuição e a crítica, indispensável para a ação literária e que está na gênese da criação, antes desta tomar a forma narrativa, seja na prosa ou na poesia, para depois receber os tratamentos formais do idioma. Assim cremos e a vida nos tem mostrado.

Confiamos na ousadia e determinação da Presidente da Academia de Letras de Piracicaba, a professora Maria Helena de Aguiar Corazza, escolhida justamente em virtude da sua força interior aliada à inteligência. Auguramos-lhe todo êxito em sua nobre missão.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA
STEFANI**

Cadeira nº 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

A noite cai

A noite cai,
cai das minhas mãos
e já não há mais tempo...
O tempo se foi,
as rosas já murcharam
com a lua cheia.
E a lua não brilha mais...

E, a noite escura,
aquela mesma lua de uma lua
daquela noite,
já não está mais lá.
Não sei onde buscar.
A escuridão tomou do tempo,
o que o tempo não foi
capaz de pegar...

E, daquela noite já não se vê mais nada,
E, ninguém mais quer saber,
de ter, e ler aquelas mãos,
que já não se sabe mais
onde irão parar
e quem irão amparar...

E, a noite cai
cai das minhas mãos....

Desejo e sinto muito

Sinto muito por aqueles que não têm, e por aqueles que tendo não dividem.

Sinto muito por aqueles que não entendem, e sem entender não compreendem.

Sinto muito pelas amizades que se perdem por fatos tão pequenos e por achar que a sua verdade é a maior de todas.

Sinto muito pelas pessoas más e violentas.

Sinto muito por aqueles que querem do outro aquilo que acham poder dar, quando na verdade também não podem.

Sinto muito por aqueles que acham que sua religião é a melhor de todas, que sua razão é a única certa.

Sinto muito por aqueles que têm olhos apenas para seu umbigo e sua família.

E, sinto ainda mais, quando estes têm a nítida certeza que fazem justiça da maneira que são e que pensam.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

O Dragão Chinês

“Sei como os pássaros podem voar, os peixes nadar, os animais correr. Mas o que corre pode cair na rede, o que nada pode cair no anzol, o que voa pode ser alcançado pela flecha. Mas há o dragão – e não posso dizer como ele sobe às nuvens e se alça ao céu.” (Confúcio)

A mobília de laca chinesa chegou a quatro de junho, no domingo, a casa de Hsi-Shih, uma bela mulher. A mesa pequena, quatro cadeiras de espaldar e um biombo. Ganhou-a de presente. Vestida no velho quimono de florões coloridos, ligou o som com a trilha sonora do “Último Imperador”, já impregnada do espírito chinês. Na sala silenciosa, durante muito tempo, permaneceu admirando o esbanjamento e a riqueza do trabalho incrustado em madrepérola, com nuances de rosa e azul.

Quais de seus antigos antepassados haviam sentado naquelas cadeiras para jogar o xadrez, para um aprofundamento com os velhos mestres? Ou um chá, um escrito, uma conversa inteligente em torno da filosofia do “Grande Sábio”? De que lugar, especificamente, teria vindo? O artista que a fizera, de maneira tão requintada, devia ter nascido em cenários naturais, de plantações de arroz, ou de flores em abundância, de ocasos e névoas sugerindo tramas delicadas e outro tanto de meditação profunda em torno da vida. Foi à época da efervescência intelectual em que, em cada corte, em mil lugarejos e cidades, os poetas cantavam, os oleiros giravam seus tornos, os fundidores fundiam vasos, os ceramistas e os artistas aprimoravam seus talentos expandindo sua nobre arte, apaixonados pela beleza e os adornos sutis. Tudo ao redor devia expressar a estética, a harmonia, a dignidade e a maturidade de uma civilização.

A fragilidade da vida, mas também sua continuidade e transformação – sim – era isso o que lhe sugeriam aqueles desenhos de aves, de peixes, de dragões. No biombo, a sequência delicada do

desenho abrandava seu aspecto, negro e sombrio. Mas o desfecho da história era triste:

“No palácio de cristal, iluminado ao luar, entre os salgueiros, Yang, a mulher amada de Li-Po, esperava pelo seu poeta. Ele deveria chegar pela estrada do sul, caminhando na relva, entre os sândalos perfumados e os pessegueiros em flor. Ou talvez pelo rio Amarelo, no barco encantado, ouvindo a música doce das flautas de bambu e das gaitas de ouro, que a vida sem música é um equívoco. Gansos de asas grandes voavam à frente do bote e Li-Po acompanhava aquele voo de liberdade, associando-o consigo próprio, incansável e eterno andarilho. De forma súbita, porém, a neve caiu, e o vento norte soprou forte, transbordando o rio, e impedindo-o de chegar ao seu destino. O coração do poeta, ébrio de amor e do vinho de seus deites, encheu-se de dor. Morreu abraçado ao reflexo da lua no rio. Seus contornos lembravam o corpo da mulher amada...”

Tudo era muito belo, mas o coração de Hsi-Shih estava preso de um sentimento indefinível, sombreado por estranhas impressões. Quedou-se pensativa...

Era primavera na China. Em Pequim, na praça da Paz Celestial, os jovens ainda persistiam em suas manifestações de protesto pacífico. Desde o dia treze de maio, o movimento tomava corpo e se agigantava, com adesões de todos os lugares, de todas as camadas sociais e de todas as idades. A esperança os dominava. Hsi-Shih se lembrou da historinha da mulher chorando sobre um túmulo, na montanha deserta. Tudo é preferível à opressão. O velho mestre perguntara a mulher porque chorava. Ela respondera: “o pai de meu marido foi morto neste lugar por um tigre e meu marido também, e agora meu filho teve a mesma sorte.” “E por que insiste em viver num lugar tão perigoso?” “Aqui não há governo opressor”, dissera a mulher. Sim, era isto! Melhor morrer do que viver oprimido. Ela também gostaria de estar em Pequim, para juntar-se aos jovens idealistas, e jejuar, e discursar para demover os líderes prepotentes, e fazê-los mudar os rumos da tirania sem fim.

Hsi-Shih interrompeu seus pensamentos para saber das notícias. Em São Paulo, na rua da Liberdade, sempre barulhenta, podia-se ouvir o silêncio. E a notícia chegou estarrecedora: milhares de pessoas, sem qualquer resistência, morriam como insetos, esmagadas pelos tanques e a artilharia do exército. Deng Xiaoping e Li-Pen eram donos da situação. A visão dos cadáveres, empilhados e mis-

turados ao lixo da praça não mais celestial, mas infernal, trouxe-lhe náuseas de horror e de impotência. Velhos, jovens e crianças, nada fora poupado na sanha bárbara e assassina! A fragilidade humana contra a força bruta. A extrema coragem moral contra o extremo poder da prepotência.

Hsi-Shih ainda teve forças para ver o jovem desarmado, em mangas de camisa, à frente da coluna de dezoito tanques, impedindo seu avanço. Depois não aguentou mais. Num ímpeto, foi até a sala. Odiou aquela mobília, a terrível coincidência do dia macabro! Arrastou-a para um espaço aberto do terraço e amontoou-a. Arrancou o quimono, empapando-o de álcool.

Depois de tudo queimado, contudo, a figura do dragão permanecia, intacta, olhando-a com seus olhos impassíveis!...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

Reflexões de uma Orquídea

*Espelho, espelho meu. Responde!!!
Há alguém mais bela do que eu?*

Finalmente comecei a sentir uma sensação de que estava ficando mais um período letárgico de minha existência. Alguma coisa de diferente começava a ocorrer comigo. Não conseguia definir exatamente o que era, mas tinha a certeza de que algo como uma consciência maior a cada instante retornava e se instalava em mim. Não conseguia definir exatamente quanto tempo havia decorrido desde a última vez que havia enfrentado a mesma situação. Quando estou nesta fase de atividade, as coisas parecem ser melhores. Mas logo depois, rapidamente volto à letargia, onde o momento atual e anterior se fundem. Os dias se aglutinam, assim como as semanas e meses. Conforme dizem, meu ciclo demora mais ou menos um ano. Algumas vezes ele é maior, outras, menor. Não existe um momento correto para o despertar. Ele depende da quantidade de água que ingiro, de minha alimentação, se o tempo foi mais seco ou úmido, do sol que consigo tomar. Sou algo muito complexa para existir. Acima de tudo, o que mais conta é meu indômito espírito de teimosia.

Se estiver recebendo as condições mínimas necessárias, sou imortal. Apesar deste longo ciclo pelo qual passo, a cada ano ou dois anos uma parte de mim se perde. Já cumpriu sua função, o de constituir de reserva de alimentos. Mas, em compensação, todo o ano cresço um pouco mais. Se o ano foi excepcionalmente bom, faço questão de gerar dois ou mais descendentes. Isto faz com que esteja sempre a me manter exuberante. Quando estou na natureza, quase não tenho inimigos, mas quando encontro-me presa, cerceada de minha liberdade, necessito ajuda para que inimigos não me ataquem.

Vamos dizer que um ano tenha se passado, que minhas lembranças se mostrem confusas e erráticas. Costumava tomar meu sol pela manhã, com o máximo de cuidado em não me queimar. Estava

em plena letargia. Meus “hormônios” deveriam ter novamente caído, para não dizer quase desaparecido. Mal davam para fazer com que mantivesse minha vontade de existir. Mas, mesmo dentro deste marasmo, continuava a durar. Minha cor pouco se alterava.

Depois de tanto tempo inativa, senti que algo de novo estava ocorrendo dentro de mim. O calor que provinha daquela bola de fogo estava começando a aumentar. O sol começou a me iluminar com maior intensidade, e isto provocava alterações em mim. Minha memória, que não é das melhores, me fez sentir que já havia passado por aquele processo anteriormente. Cada vez que isto ocorria era uma experiência única.

Todo meu corpo estremeceu com estas alterações. Senti meu “sangue” tornar-se mais forte. E com isto o desejo em me revigorar tornou-se intenso demais. Algo dentro de mim fazia com que eu tivesse que manifestar com meu corpo algo de novo, que começasse a revelar minha vontade de existir.

E lá de meu interior com esta vontade desabrochada, algo de novo tomou formas, materializando meu desejo de expressar toda aquela nova situação. Vieram à mente a existência de brisas de saudades, da nova estação que estava entrando, a primavera que me acolhia em seus braços a passos largos.

Meu “sangue” aumentou ainda mais sua velocidade. Com toda aquela nova insolação, novas substâncias começaram a ser produzidas dentro de mim. Senti-me renovada, respirando com maior intensidade, absorvendo mais água e alimentos. Aquelas novas condições fizeram com que fosse capaz de produzir novos “hormônios”, que mal lembrava existirem, e que me deixavam cada vez mais fortalecida.

Foi nesta fase que todo meu corpo, num amplexo das novas condições que me envolviam, fez também com que algo de novo começasse a avançar em meu interior.

Ao início, apenas uma pequena manifestação. Células novas, latentes, não mais que um punhado delas, estimuladas por todas aquelas novas condições começaram a se dividir. Lentamente ao início, e depois cada vez mais rápido. De um pequeno pedaço de tecido, quieto, dormente há tempos, começaram eles a se dividir dentro de mim para aquela nova experiência. Em um ritmo alucinante, daquela ilha quase invisível, vi uma nova parte de mim explodir. Logo estaria ela também trabalhando para a continuidade de meu todo.

Era um ciclo vicioso. O sol, água e alimentos a incidir sobre mim, faziam com que novos alimentos fossem metabolizados em todo meu ser, e isto realmente injetava uma nova perspectiva de vida em minha existência. E esta nova parte de meu corpo que crescia, também me estimulava globalmente em todos os aspectos.

Os dias e noites continuavam a passar, e eu mergulhada nos meus sonhos diuturnos de felicidade, de estar me ampliando, tornando-me mais madura, embelezando-me para o que ainda viria... Minha cor se mostrava mais intensa, minha superfície mais brilhante...

Meu senhor também nunca deixou de cuidar de mim corretamente. Sempre gostava de ver meu corpo banhado com água. Algumas vezes exagerava quase fazendo eu me sentir afogada. Mas a brisa que me envolvia nos finais de tarde faziam com que logo superasse o excesso, e não passava muito tempo para sentir-me totalmente satisfeita. Nunca ele deixava de ofertar alimentos nas quantidades e proporções corretas. Algumas vezes sentia-me um pouco revoltada, pois quando ia me alimentar, costumava ficar algum tempo deixando passar sede, pois assim, na ânsia de tomar água, acabava por comer demais. Mas nunca houve qualquer problema mais sério com estas orientações. Sempre foi benéfico, pois evitava com que ficasse doente, ou meus predadores conseguissem me atacar e derrotar.

A primeira parte do meu desenvolvimento estava agora completa. Ela se mantinha ereta, imponente, não necessitando de nenhum tipo de apoio. Fazia paridade com os outros setores mais antigos. Era mais uma parte que se associava ao todo, e que já havia sido incorporada ao meu global. Era duraria um bom tempo de minha existência, complementando o meu global e colaborando para o meu continuar a existir.

Mas as coisas ainda não estavam completas. Era necessário que agora, já adulta em minha nova parte, tentasse construir minha descendência. Era chegado o momento de poder agradecer a tudo que me haviam feito por aquele ano por mim, todo o tempo em que permaneci quieta, inerte, quase sem manifestar que existia.

Novamente mais um processo começou a ser gerido nesta nova parte. Mais alguns tecidos em meu interior começaram a se modificar. Era alguma coisa diferente do processo anterior. Um núcleo se dividiu em dois. E eles, independentemente, começaram a desenvolver. E avançavam rapidamente.

Não demorou muito para que um longo tecido, em forma espatular saísse de meu interior. E dentro dele, todas aquelas novidades.

Estes também começaram a ampliar dentro da espátula. De algumas células, agora o que existiam eram nódulos com seus milímetros, que logo atingiriam centímetro.

Pararam de crescer e, como tecidos, reorganizaram-se. Novamente lâminas tissulares se foram constituindo, uma, duas, três... cinco.

Cinco lâminas também da forma quase espatular e um centro... Inicialmente de um branco imaculado, com o sol foram modificando-se, tomando novas posições e as mais diversas cores.

Vieram-se a se constituir em três sépalas (duas laterais e uma dorsal), três pétalas (a inferior denominada de labelo). Esta última protegendo as colunas, onde estão as polínias.

De longe, o esplendor das formas e cores chama a atenção de todos e tudo. De meu interior, um odor doce e convidativo acusa minha presença e conclama os insetos a virem saborear meu néctar e transmitir minhas polínias à outras plantas similares.

Meu nome? Sou da família orquideaceae. Sou epífita, quero dizer, não ataco nem destruo a planta em que me apoio. Sou a maior família da botânica. A beleza de minhas flores é incomparável. Sou a prodigiosa orquídea, que me apresento em uma miríade de formas, cores e perfumes.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO PAULO CELSO BASSETTI
Cadeira n° 39 - Patrono: José Luiz Guidotti

O mundo melhora quando você melhora

Uma coisa é certa: quando você está de bem com a vida, tudo ao seu redor lembra flores, tudo é mais perfumado, todos sorriem mais facilmente, os amigos aparecem de todos os lados, paixões brotam que nem feijão lançado ao chão, e a vida parece ser maravilhosa.

Você com certeza já ouviu frases como “dinheiro atrai dinheiro”, ou “quem tem sorte, ganha até dormindo”. Essas afirmações são corretíssimas, já testadas e aprovadas pela vida.

A vida é como aquela amiga poderosa, dona de muitos recursos e que faz tudo para agradar aos amigos, sabe aquela pessoa de que todos querem ser amigo? Pois é, a vida é igualzinha a essa pessoa, só com uma diferença: os poderes da vida são muito maiores, e ela faz qualquer coisa para agradar a quem está de bem com ela.

Mas, como é estar de bem com a vida num mundo onde existem tantas traições, tragédias sem fim, violência até não querer mais e gente cuspidando ódio por todo lado?

O segredo esta em procurar as coisas que agradam a você, fazer coisas que não violentam o seu entendimento, que não ferem o seu “lado gente”.

Se pensar em uma pessoa lhe lembra amargura e raiva, para que pensar?

Se você insiste em uma relação que só traz dor e tristeza, para que continuar?

Se você anda triste, chorando pelos cantos e nem sabe o porquê, por que não sorrir?

Se você anda desanimado, sem estímulo e nem sabe para onde caminhar, por que parar?

Se você anda muito sozinho, cabisbaixo e infeliz, por que não mudar?

A vida espera com mil agrados àqueles que descobrirem que estar de bem com ela é um prazer, um grande barato que começa pelo simples fato de descobrir que a vida é bela, sim, que é composta de mil dores, sim, mas com um milhão de alegrias, cores, cheiros, sabores, pessoas.

Existem pelo menos mil maneiras de fazer diferente a mesma coisa que você faz todos os dias, assim como existem pelo menos um milhão de pessoas diferentes daquela que lhe magoou. Abraça a vida com alegria, descubra o prazer das coisas simples, feche o jornal que traz só violência... Descubra o lado bom da vida, das coisas, das pessoas. E principalmente descubra o seu lado bom e nunca mais se separe dele...

Desejo a você

Existem poemas que demonstram grandiosa beleza e a profunda sensibilidade de seus autores. Dentre eles existe um que diz o seguinte:

Desejo, primeiro, que você ame, e que, amando, também seja amado. E que se não for, seja breve em esquecer. E que, esquecendo, não guarde mágoa.

Desejo também que tenha amigos, ainda que maus e inconsequentes. Que sejam corajosos e fiéis, e que pelo menos em um deles você possa confiar sem duvidar.

E porque a vida é assim, desejo ainda que você tenha adversários. Nem muitos, nem poucos, mas na medida exata para que, algumas vezes, você se interpele a respeito de suas próprias certezas.

E que entre eles, haja pelo menos um que seja justo, para que você não se sinta demasiado seguro.

Desejo, depois, que você seja útil, mas não insubstituível. E que nos maus momentos, quando não restar mais nada, essa utilidade seja suficiente para manter você de pé.

Desejo, ainda, que você seja tolerante, não com os que erram pouco, porque isso é fácil, mas com os que erram muito e irremediavelmente, e que fazendo bom uso dessa tolerância, você sirva de exemplo aos outros.

Desejo que você, sendo jovem, não amadureça depressa demais, e que, sendo maduro, não insista em rejuvenescer, e que, sendo velho, não se entregue ao desespero.

Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor, e é preciso deixar que aconteçam no tempo certo.

Desejo, por sinal, que você seja triste, não o ano todo, mas

apenas um dia. E que nesse dia descubra que o riso diário é bom, o riso habitual é insosso e o riso constante é insano.

Desejo que você descubra, com a máxima urgência, acima e a respeito de tudo, que existem oprimidos e infelizes, e que estão à sua volta.

Desejo, ainda, que você afague um gato, alimente um cuco e ouça o João-de-barro erguer triunfante o seu canto matinal porque, assim, você se sentirá bem por pouca coisa.

Desejo também que você plante uma semente, por mais minúscula que seja, e acompanhe o seu crescimento, para que saiba de quantas muitas vidas é feita uma árvore.

Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro, porque é preciso ser prático. E que pelo menos uma vez por ano coloque um pouco dele na sua frente e diga “isso é meu”, só para que fique bem claro quem é o dono de quem.

Desejo também que nenhum de seus afetos morra, por ele e por você, mas que, se morrer, você possa chorar sem se lamentar e sofrer sem se culpar.

Desejo, por fim, que você, sendo homem, tenha uma boa mulher, e que sendo mulher, tenha um bom homem e que se amem hoje, amanhã e nos dias seguintes, e quando estiverem exaustos e sorridentes, ainda haja amor para recomeçar.

Pense nisso!

Muitas vezes, desejamos que a vida seja feita apenas de coisas que nos parecem agradáveis, esquecidos de que são os obstáculos que nos fortalecem e nos fazem evoluir.

São as responsabilidades que nos pesam aos ombros que nos mantêm com os pés no chão, e as forças contrárias servem de testes para nossa resistência.

Assim sendo, só podemos avaliar o valor das circunstâncias pelas lições que nos deixam depois que passam.

Pensem nisso!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA
CURIACOS DE ALMEIDA LEME**
Cadeira n° 7 - Patrono: Helly de Campos Melges

Estudar é trabalho pesado

Algumas sugestões para você aprender melhor, com economia de tempo e transferência de aprendizagem.

Construa você mesmo o seu saber.

Use de alguns recursos que seguem:

1. Conheça o seu “eu” pedagógico, sem esse conhecimento dificilmente o resultado ocorrerá com bom sucesso e economia de tempo.

Você é mais auditivo, mais visual ou mais “cinestésico” (movimentos corporais) e sinestésico (desencadear de sensações subjetivas)?

Qual das nove inteligências você tem mais desenvolvida (inteligência musical, lógico-matemática, linguística, esportiva, motora, espacial, intrapessoal, interpessoal, mística)?

Observação I - há dezenas de bons testes para ajudá-lo a conhecer o seu Q. I e o seu Q.E, além de descobrir quais as estruturas pedagógicas que lhe favorecem o aprendizado e a memorização de classificação, de inserção e exclusão. (Um bom pedagogo, ou um bom psicólogo pode lhe oferecer tais testes fazendo a análise que lhe ajudará no conhecimento do seu “eu” pedagógico).

2. Construa o seu plano de estudo baseado nos seus “sonhos” de suas realizações de aprendizado, não se esquecendo em estabelecer a coerência com relação a sua escolha profissional.

3. Selecione o que você deve ler sobre o assunto a ser estudado.

4. Organize o estabelecimento das prioridades. (Cuidado para não confundir a escala de importância com a emergencial).

5. Direcione seus estudos de forma adequada, não deixe que a especialização faça você perder a noção do todo, também não deixe que o todo impeça você de conhecer profundamente as partes e agudamente os detalhes importantes.

6. Leia com atenção o que você selecionou como necessário. (Descubra se você aprende melhor lendo primeiro o todo e em seguida lendo as partes, isto é, fazendo primeiro uma leitura geral e

em seguida relendo parte por parte ou se você prefere ler parte por parte construindo o todo e posteriormente reler para a verificação do conhecimento global).

7. Sublinhe, anote, estude o vocabulário para maior compreensão, releia quantas vezes achar necessário, sintetize e memorize o que convier.

8. Busque sempre um número razoável de fontes confiáveis. Pelo menos duas, nunca muitas, a não ser que você vá elaborar monografia ou tese. Quando o assunto for polêmico é bom conhecer alguns diferentes modos de pensar sobre o tema. Contextualize sempre no tempo e no espaço em que se deu a elaboração do texto que você está lendo.

9. Reflita sobre o que leu. Faça as devidas transferências de aprendizagem em outros textos e com a realidade.

10. Faça uma releitura do texto conforme a sua reflexão, um bom instrumento para isso é formular seu próprio texto, em seguida verifique se houve coerência entre o texto original e o seu.

Observação: lembre-se, só você pode construir o seu conhecimento, os professores, os autores de livros, os meios de comunicação são meios para ajudar você a construir o seu saber que deve ocorrer num estabelecimento dialético, crítico, reflexivo numa dimensão de desenvolvimento sempre em espiral com retomadas desejáveis.

Alguns fatores que ajudam na aprendizagem:

Compreensão: fique atento à explicação da aula; procure entender o novo assunto; localize a essência, isto é a ideia central; aproveite bem o tempo; relacione o novo tema com temas anteriores estudados.

Concentração: concentre-se; descubra um lugar apropriado para estudar; tenha entusiasmo pelo estudo; evite distrações circunstâncias; sono e cansaço podem prejudicar seus estudos.

Distribuição do tempo: estude todas as matérias; tome rapidamente a decisão de começar o trabalho; procure um horário fixo para estudar; (conheça o seu relógio biológico, há pessoas que aprendem melhor pela manhã, outras à tarde e ainda outras à noite).

Alguns procedimentos metodológicos: avalie o que você aprendeu; estude diariamente; estude sozinho e depois em grupo ou vice-versa. Apontamentos: anote o que achar necessário em cada aula; não faça tarefa de uma aula em outra aula; compare suas anotações com as dos colegas; faça sumários e resumos, mapas, desenhos, ilustrações.

Refleta: sinta o grande prazer da descoberta, do saber e do criar neste maravilhoso jogo da vida. Você pode aprender o que quiser desde que queira realmente aprender e que lhe seja ensinado de forma adequada ao seu jeito de aprender e no seu ritmo de aprendizagem, por isso nunca desanime. O resultado será gratificante.

Valores perenes e valores efêmeros

Há valores perenes (alguns chamam de princípios) e valores efêmeros.

Hoje, parece-nos que há uma confusão de valores.

Pais, educadores e formadores de opiniões, responsáveis pela Construção dos Valores, devem ter e favorecer: mentalidade aberta, acentuada inteligência interpessoal, atitude investigativa, senso crítico, desprendimento intelectual, sensibilidade às mudanças, empatia e inteligência intrapessoal... (Para conhecer o outro precisa se conhecer).

Ninguém recebe um manual de instrução ao nascer, então precisamos descobrir como somos, como introjetamos ideias, como aprendemos melhor, tudo isso faz parte de uma busca constante de um autoconhecimento que deverá nos levar à autoestima desejável, equilibrada e adequada.

Devemos conhecer os nossos próprios sentimentos, saber fazer opções conscientes e sermos felizes. Para tanto, precisamos gostar de nós mesmo, respeitando-nos e consequentemente sendo respeitado em casa, na escola e em sociedade.

Aos educadores em geral compete ensinar a aprender, a pensar e a desenvolver a criatividade e cidadania.

A educação emocional é uma das tarefas mais difíceis e menos trabalhadas atualmente, a maior parte dos educadores se preocupa muito com conhecimentos de conteúdos programáticos e não raramente em detrimento de uma educação das emoções.

O equilíbrio desejável, o saber lidar com a ansiedade, a verdade, a alegria, as perdas e os ganhos não é uma tarefa fácil, mas é imprescindível que seja realizado.

Todos deveriam aprender a dialogar consigo mesmos e com as outras pessoas.

No processo educativo, deve-se levar em conta as etapas de uma tomada de decisões (nenhuma decisão deve ser tomada apressadamente, nem se perder indefinidamente na indecisão).

Decisões envolvem escolhas e escolha está sempre ligada a perda e ganho.

Tudo isso precisa ser trabalhado.

Os instrumentos para desenvolvermos a empatia parecem ser:

A compreensão dos sentimentos e a aceitação dos outros, semelhanças e diferenças, mas principalmente, as diferenças entre valores perenes e valores efêmeros, dentro da moral e da ética.

A diferença no reconhecimento, no modo como as outras pessoas se sentem em relação às coisas, a questão da hierarquia, da disciplina, dos limites, das funções... (cuidados que se deve ter de sermos pessoas e não apenas de representarmos papéis). Como fazer isto deveria ser uma preocupação constante dos educadores.

Valores perenes não envelhecem. O entusiasmo anda sempre de mãos dadas com o otimismo e nos ajuda a lidar com a raiva, ansiedade, a curiosidade, o medo e a tristeza, propicia condições para a construção da amizade e a “descoberta” do outro.

O valor da cooperação, num mundo tão competitivo em que vivemos deve ser trabalhado e valorizado, pois esta seria, provavelmente, a melhor forma de realizarmos a administração de conflitos. Tudo isso é aprendido.

A valorização da franqueza, o uso das inteligências múltiplas para a comunicação, construção da consciência, aprendendo a ouvir (ouvir a natureza, a nós mesmos, o outro e a Deus). Tudo isto levaria à paz e ao equilíbrio tão desejados.

A vida, o respeito, a compreensão, o amor, a fidelidade, a verdade, a esperança, a saúde e a educação são valores perenes.

Através do diálogo e do exemplo estes valores serão passados aos educandos que saberão atualizá-los de acordo com seu tempo trocando valores efêmeros e conservando os valores perenes.

A Vida deveria ser o grande Valor Perene a ser respeitado e trabalhado.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO
Cadeira n° 4 - Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Uma questão de ponto de vista

Você, certamente, já passou pela experiência de cruzar seus olhos com os olhos de um animal... mas, será que entendeu o que ele quis lhe dizer?

Pois é. Estamos tão acostumados a considerar os animais como seres inferiores, que nem nos preocupamos com isso.

Mas, se prestássemos mais atenção a eles, aprenderíamos muita coisa – a começar, raciocinando melhor.

Por exemplo, vamos começar citando os gatos: vira-latas, de raça, brancos, pretos, mesclados – todos.

Você já percebeu que ao sermos comparados com eles, nos desmanchamos todos? Se alguém chama uma garota de gatinha ou gata – pronto! Conquistou, para início de conversa, sua simpatia. E o mesmo acontece com os rapazes e até homens feitos: chame-os de gatos, gatinhos ou gatões e veja – eles já estão conquistados.

Curiosamente, os gatos – e quem os possui, sabe disso, são animais independentes, orgulhosos, só aceitam agrados quando lhes interessa, às vezes são ciumentos e até antipáticos... Mas, mesmo assim, gostamos de ser comparados a eles. Que ninguém ouse nos chamar por outro bicho (exemplo: vaca, macaco, zebra, anta etc.) porque isso pode gerar inimizade ou uma boa briga. Esquece-mo-nos completamente de que todos os animais têm sua beleza, sua importância na Terra, sua forma especial de viver.

Voltando aos gatos – animais pelos quais tenho grande predileção, pois convivo com eles desde minha infância – e até hoje, não imagino como seria não ter um deles por perto. Aqui, faço um parêntese, para citar meu gato atual – o Leozinho – um persa loiro, fofo, dengoso, muito mimado. Quando nossos olhares se cruzam, tento imaginar o que ele está pensando, ou tentando me transmitir...

Aí, chego à conclusão de que não há como ser comparado a eles. Por que?

Eles não enganam seus semelhantes, não traem, não matam, não corrompem – só para citar alguns de nossos defeitos. E, com

certeza, não gostariam de ser comparados com nenhum de nós. Gatos são discretos, limpos. Na verdade, só fazem grande barulho na época do acasalamento, mas, aí se pode entender: “é o amor, a paixão, o desejo”, falando mais alto que tudo. Depois desses momentos, a fêmea, se estiver prenhe, sem ajuda, sem orientação alguma, irá aguardar o nascimento de seus filhotes e cuidará deles com o maior carinho, proteção. Não abandona seus filhotes, não os troca, não os vende. Ensina a eles tudo que precisarão saber para viver neste mundo tão cruel...

Será que poderemos ser comparados a eles?

Referi-me, até aqui, aos gatos, mas, o mesmo pode se dizer dos cães – pois, mais do que os gatos, são os nossos mais fiéis e melhores amigos. Eu, mesma, não sei dizer como faria minhas caminhadas ao pôr do sol, sem a companhia de minha cachorra, a Paqueta.

Também, por motivos profissionais, já tive oportunidade de trabalhar, inclusive, com animais silvestres, em zoológico, e muitas vezes testemunhei atitudes, ações deles, que me deixaram perplexa e que envergonhariam muita gente.

E olhe, os animais não falam, pelos menos a nossa língua.

Portanto, quando se zangar com alguém, não o chame por nenhum outro animal. Eles, nenhum deles, merece essa humilhação. Lembre-se, aí sim, de que todos nós fazemos parte da criação divina e, não podemos nos esquecer de que, quando nós, os humanos, surgimos aqui na Terra, eles já estavam nela, há milhares de anos.

Chegamos por último neste planeta. Talvez com isso, nosso Criador já quisesse nos transmitir uma importante mensagem: colocou-nos num planeta com tudo à nossa disposição – água, ar, alimentos – e, ao mesmo tempo, quis mostrar-nos o quanto dependemos de tudo e de todos para nossa sobrevivência...

É por isso que não há como sermos comparados a nenhum outro animal. Esse é o meu ponto de vista. Qual é o seu?

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira n° 11 - Patrono: Benedicto de Andrade

Escola de Pharmacia e Odontologia de Piracicaba

Sem inspiração poética, carente do espírito de contista, assíduo leitor e grande admirador dos bons cronistas, resta-me atender à solicitação da Diretoria da Academia Piracicabana de Letras, oferecendo para publicação nesta edição da Revista, matéria de natureza histórica que, acredito, possa ser novidade para elevada parcela dos possíveis leitores.

Em 18 de novembro de 1914, reuniram-se no Teatro Santo Estêvão diversas personalidades de Piracicaba, entre elas médicos, cirurgiões-dentistas, agrônomos, professores da Escola Normal e outros, para a fundação da Escola de Pharmacia e Odontologia, tendo assumido a presidência Torquato Leitão e, como secretários, Oscarlino Dias e Octavio Mendes.

Foram formadas diversas comissões, das quais participaram Cândido de Camargo, João Olavo, Jorge Augusto da Silveira, Honorato Faustino de Oliveira, o farmacêutico Samuel Neves, Júlio Marcondes Guimarães e Roque Salles de Lima. Inicialmente a Escola foi instalada no prédio da Sociedade Beneficente Operária, à rua Piracicaba, e as aulas tiveram início no ano seguinte, sendo que a Diretoria foi constituída em 10 de janeiro de 1915, por Jorge Augusto da Silveira, Cândido de Camargo e Júlio Marcondes Guimarães. Em 1915, foi enviado ofício à administração municipal, solicitando doação de um terreno à rua Esperança.

Em 27 de novembro de 1916, houve a entrega de diplomas, em sessão solene no Teatro Santo Estêvão, da primeira turma de formandos desta Escola, pois o Curso, pela Lei Rivadavia, era de dois anos. Os quadros de formatura, executados pelo artista José Álvares Cienfuegos e pelo fotógrafo Luiz Sacconi, ficaram expostos na Casa Giraldes.

Em 3 de julho de 1919, a Escola passou a funcionar à rua XV de Novembro, 33. Em 17 de junho de 1923, foram inauguradas as novas instalações da Escola, à rua Alferes José Caetano, 190-A, cuja numera-

ção, a partir de 1940, passou a ser 1167, em um prédio hoje demolido, onde funciona um estacionamento para veículos, sob nº 1153.

Durante alguns anos, houve divergências entre os profissionais anteriormente instalados na cidade e os responsáveis pelo funcionamento da Escola, pois as recentes leis promulgadas estabeleceriam maiores exigências para o exercício da profissão.

Para a continuidade da Escola foram positivos os trabalhos do piracicabano senador João Sampaio e Jacob Diehl Neto. Por outro lado, o deputado Samuel Neves omitiu-se por completo na Câmara dos Deputados.

As Administrações Municipais de São Paulo, Ribeirão Preto, Itapetininga, Pindamonhangaba e Jaboticabal auxiliavam suas escolas de Odontologia, o que não ocorria com essa, da cidade de Piracicaba.

Em 28 de março de 1927, o Correio Paulistano publicou telegrama recebido do Rio de Janeiro: “O Sr. Ministro da Justiça concede equiparação aos institutos federais congêneres à Escola de Odontologia de Piracicaba, cuja denominação a diretoria mudou para Escola de Odontologia Washington Luiz”.

Em maio de 1929, a Escola adquiriu o prédio onde residiu o Dr. Prudente de Moraes, à rua Santo Antônio, esquina com a rua 13 de maio (hoje, rua Santo Antônio, 641, sede do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes).

Em 1930, diplomou-se Carlos Aldrovandi, orador de sua turma e mais tarde professor de Prótese da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo. O professor Aldrovandi foi o diretor instalador da Faculdade de Odontologia de Araçatuba, simultaneamente à instalação da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (F.F.O.P), na década de 1950.

A Escola de Odontologia *Washington Luiz* passou a chamar-se Escola de Odontologia *Prudente de Moraes*, a partir de 6 de julho de 1931, sendo oficializada pelo Decreto-Lei Federal nº 20179. Após a revolução constitucionalista, Getúlio Vargas fechou as Escolas de Odontologia, a maioria funcionando de forma irregular.

Em 1935, a Escola de Odontologia *Prudente de Moraes* encerra as atividades. Esse estabelecimento de ensino, que projetou Piracicaba durante duas décadas, deve sua existência a Jorge Augusto da Silveira, cirurgião-dentista formado pela Escola de Farmácia e Odontologia D'O Granbery, de Juiz de Fora, estado de Minas

Gerais. Idealista, viu a Faculdade evoluir graças à sua abnegação e sacrifício, pois muitas vezes colocou verbas pessoais para mantê-la. Posteriormente mudou-se para a cidade de Santos, onde hoje encontram-se alguns de seus descendentes.

Em 1999, o Dr. Elias Rosenthal, cirurgião-dentista instalado na Capital, como Diretor do Instituto Museu e Odontologia de São Paulo, solicitou ao Dr. Reinaldo J. F. Salvego, de nossa cidade, que pesquisasse de 1914 a 1935, no *Jornal de Piracicaba*, as publicações referentes a esta Instituição de Ensino; este, dedicado como sempre, o fez de forma metódica e o Dr. Elias organizou o histórico. Foram ainda conseguidos importantes registros no primeiro cartório da comarca de Piracicaba, bem como, através do Prof. Guilherme Vitti, cópias de documentos e atas da Câmara Municipal. Esta documentação, doada pelo Dr. Elias Rosenthal, consta do acervo do Museu Odontológico “Dra. Grace H. C. Alvarez”, setor cultural da APCD Regional Piracicaba e que conta com apoio do SOPRE (Sindicato dos Odontologistas de Piracicaba e região) e da Uniodonto de Piracicaba. Atualmente, por convênio com a Unicamp, ocupa amplo espaço no prédio da Rua D. Pedro II, 627, aberto ao público de segunda a sexta-feira, das 13h às 17h.

APL EM AÇÃO - NOTICIÁRIO

• Nos diversos órgãos da imprensa piracicabana, membros da APL têm escrito com regularidade, fazendo sempre constar sua condição de acadêmicos e divulgando assim a entidade. Entre outros, lembramos os nomes de Elda Nympha Cobra Silveira, Ivana Maria França de Negri, Maria Helena Corazza, Marisa Fillet Bueloni, Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme, Myria Machado Botelho, Armando Alexandre dos Santos, Carlos Moraes Júnior e João Umberto Nassif.

• Continua no ar, sendo renovado quase diariamente e atraindo grande número de visitantes, o blog da Academia, mantido com bom gosto e dedicação por Ivana de Negri.

• O mensário “Linguagem Viva”, dirigido pela Poetisa Rosani Abou Adal, tem divulgado regularmente notícias culturais de Piracicaba, dando sempre grande destaque às atividades da Academia Piracicabana de Letras.

• Pelo quarto ano consecutivo, a APL se viu oficialmente integrada ao Prêmio Escriba de Literatura, cuja comissão organizadora foi mais uma vez coordenada por Felisbino de Almeida Leme. Fizeram também parte da Comissão Organizadora do Prêmio, neste ano, outros acadêmicos: Leda Coletti, André Bueno Oliveira e Waldemar Romano.

• A Academia continuou participando ativamente da vida cultural e cívica da Cidade de Piracicaba, fazendo-se representar por diretores seus em numerosas atividades públicas. Também fora da Cidade, em eventos realizados por outras entidades análogas, vem sendo regularmente representada por diretores e associados. Assim, no mês de agosto, Armando Alexandre dos Santos compareceu à fundação da Academia Sãoopedrense de Letras, instituída na cidade vizinha por iniciativa do Prefeito Eduardo Speranza Modesto. O mesmo acadêmico tem assessorado a Academia Araraquarense de Letras, em vias de instalação.

• André Bueno Oliveira foi homenageado pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, na instauração do Mérito Cultural 2011, na categoria Literatura, recebendo a medalha Profa. Branca Motta de Toledo Sachs.

• Ivana de Negri foi duplamente premiada, alcançando a primeira colocação como cronista piracicabana, no I Concurso Escrita de Crônicas, e a terceira colocação em concurso de poesias promovido pela Academia de Letras de São João da Boa Vista.

• Quatro membros da APL, Carla Ceres de Oliveira Capeleti, Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto, Ivana e Cássio Camilo Almeida de Negri, foram selecionados no Mapa Cultural Paulista, na fase municipal.

• Carla Ceres foi a grande vitoriosa no Mapa Cultural Paulista, fase regional 2011-2012, acumulando as premiações das categorias Conto (1º. lugar), Crônica (1º. lugar) e Poesia (menção honrosa). Ela foi classificada nas categorias Conto e Crônica para a fase final, de âmbito estadual, a ser julgada no primeiro semestre de 2012.

• Carmen Pilotto, Ivana e Cassio de Negri também organizaram a Exposição Palavras e Imagens da Itália, no Clube de Campo de Piracicaba, em comemoração ao Ano da Itália no Brasil, exposição essa que estará aberta à visitação na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

• Geraldo Victorino de França lançou na Biblioteca Municipal seu novo livro, intitulado “Aprendendo com o Voinho”, volume 3, com prefácio da Presidente da APL, Maria Helena Corazza, a qual também prefaciou, juntamente com o Bispo diocesano D. Fernando Mason, o livro “60 anos da vinda das Carmelitas para Piracicaba”.

• Elias Jorge lançou no Clube Coronel Barbosa seu romance “A janela continuava fechada”, esgotando-se rapidamente a primeira edição e já tendo sido impressa a segunda. A apresentação da obra foi feita por Paulo Lebeis Bomfim, Príncipe dos Poetas de São Paulo e Decano do Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

• Felisbino de Almeida Leme lançou seu livro “Relato de minha vida – poemas e crônicas” no Clube Cristóvão Colombo, sede Centro, com grande número de pessoas presentes, e fez questão de doar a entidades caritativas o rendimento da venda da obra. A obra foi prefaciada pelo Prefeito Barjas Negri e teve apresentação da Secretária da Ação Cultural, Rosângela R. Camolese.

• Aracy Duarte Ferrari publicou, e lançará oficialmente no mesmo ato do lançamento desta revista, seu livro “Mergulho Interior”, com prefácio de Carlos Moraes Júnior e apresentação de Armando Alexandre dos Santos.

• Valdiza Caprânico lançou na Biblioteca Municipal o livro digital “Vamos salvar nossa casa”.

• Armando Alexandre dos Santos ministrou durante as férias de julho, na Biblioteca Municipal de Piracicaba, minicurso de três dias, sobre Técnicas de Criatividade. O mesmo acadêmico compareceu em outubro ao Encontro Bienal dos Institutos Históricos estaduais, realizado no Rio de Janeiro pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e visitou a Federação das Academias de Letras do Brasil, que tem sede no mesmo edifício do IHGB, estudando a possibilidade de afiliação formal da APL à FALB.

• Rosaly e Felisbino de Almeida Leme foram jurados no Primeiro Concurso de Redação e Desenho do Rotary Internacional, Distrito 4310. Os dois, assim como alguns outros membros da APL, participaram das festividades oficiais do Dia Nacional do Escritor.



Geraldo Victorino de França - Cadeira n° 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Gregorio Marchiori Netto - Cadeira n° 28 - Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto

Gustavo Jacques Dias Alvim - Cadeira n° 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Homero Anefalos - Cadeira n° 30 - Patrono: Jorge Anefalos

Homero Conceição Moreira de Carvalho - Cadeira n° 31 - Patrono: Victório Ângelo Cobra

Ivana Maria França de Negri - Cadeira n° 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Jamil Nassif Abib (Mons.) - Cadeira n° 1 - Patrono: João Chiarini

João Baptista de Souza Negreiros Athayde - Cadeira n° 34 - Patrono: Adriano Nogueira

João Umberto Nassif - Cadeira n° 35 - Patrono: Prudente José de Moraes

Leda Coletti - Cadeira n° 36 - Patrona: Olívia Bianco

Lino Vitti - Cadeira n° 37 - Patrono: Sebastião Ferraz

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza - Cadeira n° 3 - Patrono: Luiz de Queiroz

Marisa Amábile Fillet Bueloni - Cadeira n° 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade

Marly Therezinha Germano Percin - Cadeira n° 2 - Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Mônica Aguiar Corazza Stefani - Cadeira n° 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Myria Machado Botelho - Cadeira n° 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

Olívio Nazareno Alleoni - Cadeira n° 25 - Patrono: Francisco Lagreca

Paulo Celso Bassetti - Cadeira n° 39 - Patrono: José Luiz Guidotti

Pedro Caldari - Cadeira n° 40 - Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme - Cadeira n° 7 - Patrono: Helly de Campos Melges

Toshio Iczuca - Cadeira n° 38 - Patrono: Elias de Melo Ayres

Valdiza Maria Caprânico - Cadeira n° 4 - Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Waldemar Romano - Cadeira n° 11 - Patrono: Benedicto de Andrade



APOIO CULTURAL

ISSN 2177-2797



9 772177 279008

